

VENCENDO

GI GAN TES

Hernandes Dias Lopes

Coragem, o jogo ainda não acabou!





VENCENDO

GI GAN TES

Hernandes Dias Lopes

Coragem, o jogo ainda não acabou!

© 2005 por Hernandes Dias Lopes

Revisão

Heloisa Wey Neves Lima

Capa

Souto crescimento de marca

Diagramação

Atis design ltda

1ª edição - fevereiro de 2005

Reimpressão - julho de 2005

Reimpressão - junho de 2007

Reimpressão - julho de 2008

Reimpressão - janeiro de 2010

Reimpressão - fevereiro de 2011

Coordenador de produção

Mauro W. Terrenghi

Impressão e acabamento

Imprensa da Fé

Todos os direitos reservados para:

Editora Hagnos

Av. Jacinto Júlio, 27

04815-160 - São Paulo - SP - Tel (11)5668-5668

hagnos@hagnos.com.br - www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lopes, Hernandes dias -
Vencendo gigantes / Hernandes Dias Lopes;
São Paulo, SP: Hagnos 2005

ISBN 978-85-63563-47-7

1. Conduta de vida 2. Encorajamento 3. Motivação 4. Perseverança (Ética)
5. Sucesso 6. Vida cristã I. Título

04-7777

CDD-248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Perseverança: Vida cristã 248.4
2. Sucesso: Vida cristã 248.4
3. Vitória: Vida cristã 248.4

Dedicatória

Dedico este livro ao Rev. Ronaldo de Almeida Lidório, missionário preparado por Deus para grandes batalhas, vencedor de gigantes, exemplo para os fiéis, amigo, conselheiro e consolador, homem segundo o coração de Deus.

INTRODUÇÃO

Vencedores de gigantes não nascem prontos, eles se tornam assim.

Nesse processo não existe sorte nem azar, mas coragem, determinação e muito trabalho. Thomas Alva Edson costumava dizer que nossas conquistas são resultado de 10% de inspiração e 90% de transpiração. Vencedores de gigantes não olham para os obstáculos, mas para as oportunidades. Henry Ford estava coberto de razão quando afirmou: “Obstáculos são aquelas coisas tenebrosas que vemos quando desviamos os olhos do nosso objetivo”.

Vencedores de gigantes triunfam em público, porque já tiveram importantes vitórias privadas. Saul destacava-se do ombro para cima de todos os demais guerreiros de Israel, mas não tinha estatura suficiente para lutar contra o gigante Golias. Davi enfrentou e venceu o gigante porque já

triunfara sobre um leão e um urso na solidão das montanhas de Belém. O que você é quando está sozinho determina o que você será publicamente. O caráter precede a performance. Ser é mais importante do que fazer.

Vencedores de gigantes não são covardes. Eles não fogem e nunca desistem. São perseverantes. Eles não se contentam com nada menos que a vitória. Fazem das derrotas do passado experiências indispensáveis para construir as vitórias do futuro. Experiência não é simplesmente aquilo que acontece na vida de uma pessoa, mas como ela lida com o que lhe acontece. Os vencedores nunca desviam os olhos do alvo. Eles são determinados e obcecados pela vitória, não importa o quanto possa lhes parecer difícil alcançá-la. Quando Thomas Alva Edison inventou a lâmpada elétrica, foram necessárias mais de duas mil experiências antes de obter sucesso. Certa vez, um jovem repórter perguntou como ele se sentia tendo fracassado tantas vezes. Ele respondeu: “Eu nunca fracassei. Inventei a lâmpada elétrica. Só que para chegar lá, foi preciso uma caminhada de dois mil passos”. John Milton ficou cego aos quarenta e quatro anos de idade. Dezesseis anos depois, escreveu o clássico *Paraíso Perdido*. Após uma perda progressiva da audição, o compositor alemão Ludwig Van Beethoven ficou totalmente surdo aos quarenta e seis anos. Apesar disso, continuou compondo, e algumas de suas melhores composições, inclusive cinco sinfonias, foram escritas durante seus últimos anos. Quando Alexander Graham Bell inventou o telefone, em 1876, não causou grande impressão entre os possíveis patrocinadores. Depois de usar o aparelho para dar um telefonema apenas como demonstração, o Presidente Rutherford Hayes disse: “É uma invenção surpreendente, mas quem se interessaria em usá-lo?”

Em 1952, Edmund Hillary tentou escalar o Monte Everest, a mais alta montanha do mundo, com 8.800 metros. Algumas semanas depois de uma tentativa fracassada, pediram-lhe que falasse para um grupo de pessoas na Inglaterra. Propositadamente, colocaram uma grande gravura do Monte Everest na parede do auditório. Quando o alpinista viu a gravura, abaixou a cabeça e caminhou para o palco, cabisbaixo. Mas, ao lhe perguntarem se havia desistido, ele se levantou, apontou para a figura da montanha no fundo do palco e disse em voz alta: “Monte Everest, dessa vez você me derrotou, mas na próxima eu o derrotarei, porque você já cresceu tudo o que tinha de crescer, mas eu ainda estou crescendo!” Em maio do ano seguinte, Edmund Hillary tornou-se o primeiro homem a escalar o Monte Everest. Vencedores de gigantes não desistem, mesmo diante dos maiores obstáculos.

Vencedores de gigantes não são movidos por elogios nem desencorajados pelas críticas. Eles não são hipersensíveis ou melindrosos. São livres para escolher seu próprio caminho. Vicktor Frankl dá o seu testemunho: “Todos que, como eu, passaram pelos campos de concentração, podem se lembrar daqueles que iam de tenda em tenda, confortando as pessoas, dando-lhes seu último pedaço de pão. Talvez fossem poucos, mas são prova suficiente de que se pode tirar tudo de um homem, menos uma coisa – a liberdade de escolher seu comportamento, quaisquer que sejam as circunstâncias, e de escolher seu próprio caminho”. Você é livre para tomar suas decisões. É você

quem escolhe se quer ou não vencer as crises e derrotar os gigantes. Mesmo que o reconhecimento não venha e as críticas se multipliquem, não abra mão de ser um vencedor. Enfrente essa peleja confiante na vitória.

Convido você a caminhar comigo nessa aventura. Você pode ser um vencedor de gigantes. Não fuja da luta, não se esconda, enfrente-a e vença os gigantes!

Capítulo 1 - Identificando os gigantes que nos assustam

Os gigantes têm a capacidade de nos assustar.

Os gigantes existem, eles são reais, e estão espalhados por toda parte. Eles sempre cruzam o nosso caminho para nos desafiar e instilar medo em nossos corações. São numerosos, opulentos, atrevidos e escarnecedores. Sempre que aparecem, tripudiam sobre nós com grande insolência.

Ninguém é capaz de obter grandes vitórias sem que antes, em algum lugar, em algum tempo, em diversas e adversas circunstâncias, tivesse que enfrentar terríveis gigantes. Esses gigantes podem ser pessoas, hábitos, sentimentos, circunstâncias e críticas. É quase impossível identificar todos eles.

Há gigantes reais e gigantes fictícios. Uns nos atacam por fora, outros por dentro. Muitos deles existem apenas em nossa imaginação. Nós os criamos, e eles acabam se tornando mais fortes que nós. Fabricamos esses monstros no laboratório do medo e eles se levantam contra nós para nos atormentar. Muitas vezes, tememos mais os gigantes invisíveis do que aqueles que nossos olhos alcançam. Eles tomam o castelo da nossa mente, se assentam no trono das nossas emoções e nos castigam impiedosamente.

Passei minha infância numa região rural. Desde a mais tenra idade ouvi contar histórias pavorosas de monstros, casas mal-assombradas e pessoas mortas que apareciam para aterrorizar os vivos. Quando uma pessoa conhecida morria, eu ficava um bom tempo sem sair de casa. Tinha pavor de passar na frente do cemitério. Na verdade, o medo era tanto que quando eu caminhava no escuro, as mais estranhas figuras se desenhavam diante dos meus olhos. Todos esses medos foram crescendo dentro de mim e se transformando em gigantes que custei a vencer. Esses gigantes existiam apenas na minha imaginação, mas a aflição que eu sentia era real.

O medo e a ansiedade assolam crianças e adultos, doutores e analfabetos, homens do campo e da cidade, indiscriminadamente. As pessoas se tornam prisioneiras das

fobias que elas mesmas criam. Temem a vida e a morte, o casamento e o divórcio. Temem a solidão, e temem compartilhar a vida com outra pessoa. Temem a multidão e a privacidade, o trabalho e o desemprego, o presente e o futuro. Temem o tempo e a eternidade. Enquanto esses gigantes se tornam cada vez maiores, nós nos encolhemos, esmagados, debaixo de suas botas.

A fobia é um gigante real. Alguns têm medo de lugares fechados, outros de lugares abertos. Uns sofrem de claustrofobia, outros de agorafobia. Percebi que a claustrofobia era um gigante em minha vida quando visitei o Egito pela primeira vez, em 1986. Eu e alguns companheiros de viagem resolvemos conhecer o túmulo do faraó, no interior da pirâmide de Quéops. Consideradas uma das sete maravilhas do mundo antigo, as pirâmides sempre despertaram a admiração dos viajantes, desconhecidos ou famosos, que chegavam às margens do rio Nilo, especialmente as três mais importantes, Quéops, Quéfren e Miquerinos. Essas construções monumentais eram usadas como túmulos para os faraós do Egito.

Aventurei-me a subir por aqueles corredores escuros, entupidos de gente curiosa, enfrentando o calor e o ar viciado para chegar à famosa sala onde se encontrava o túmulo do faraó. Ao longo da escalada fiquei inquieto ao ver algumas pessoas aflitas, com a respiração ofegante, desistirem da peregrinação. De repente, atordoado com a situação, dei-me conta de que o ar fugira dos meus pulmões. Entrei em pânico. Sabia que naquele momento

seria impossível qualquer atendimento de emergência ou uma fuga imediata do local. Aflito, pensei: “É o fim. Vou morrer asfixiado nas entranhas desse monumento de pedras milenares”. Clamei por socorro ao Ronaldo Gama, um amigo que me acompanhava, e ele conseguiu me tranquilizar. Fechei os olhos, procurando desligar-me mentalmente daquele lugar abafado e completamente fechado em que me encontrava. Aos poucos, o fôlego da vida começou novamente a pulsar em meu peito e eu ganhei alento para prosseguir. Descobri naquele dia que lugares hermeticamente fechados são verdadeiros gigantes para mim.

O medo é mais que um sentimento, é um espírito (2 Tm 1.7). Esse espírito oprime, escraviza e destrói suas vítimas. O medo é um gigante que desafia a nossa alma. Somos assaltados muitas vezes por perigos reais, mas as situações irreais também nos assustam. Certo homem tinha muito medo de passar defronte de cemitérios. Nem mesmo a idade adulta havia conseguido libertá-lo dos fantasmas que povoavam sua mente. Um dia, sua empresa o transferiu para uma distante cidade. O único problema é que a casa onde deveria morar ficava atrás de um cemitério. O homem ficou desapontado com a notícia, mas pensou que poderia ser sua grande chance de vencer aquele gigante invisível. Durante algum tempo, sempre que aquele homem passava pelo cemitério sozinho, à noite, ele tremia de medo. Contudo, com o tempo, o medo foi se dissipando e dentro de alguns meses, aquele gigante já fazia parte do seu passado. A vitória sobre o medo foi tal que ele começou a cortar caminho para sua casa passando por dentro do cemitério. Numa noite particularmente escura, ao passar pela trilha dentro do cemitério, ele caiu numa cova recém-aberta. Tentou em vão sair daquele buraco, até que por

volta de meia-noite, pensou: “Não adianta gritar por socorro aqui no cemitério a esta hora da noite. É melhor esperar o dia amanhecer aqui mesmo”. Mas ele não esperava que outra pessoa passasse por aquele mesmo caminho e caísse dentro da cova também. Depois de ter tentado inutilmente sair daquela sepultura, a segunda pessoa sentou-se, exausta, quando de repente, ouviu uma voz que vinha da escuridão lhe dizer: “É companheiro, dessa você não sai, não!” Impulsionado pelo medo, o homem deu um salto descomunal, além do que suas forças lhe permitiam, e conseguiu sair da cova. O medo fez com que ele superasse seus próprios limites, despejando uma dose extra de adrenalina no sangue e permitindo-lhe alcançar uma façanha inusitada. De fato, o medo provocado por situações irreais nos esmaga e nos aflige tanto ou mais do que aquele que resulta de fatos reais.

O medo é um sentimento democrático, que atinge a todos, crianças e velhos, doutores e analfabetos, cosmopolitas e camponeses. As pessoas se tornam prisioneiras das fobias que elas mesmas criam e desenvolvem. Outras se tornam cativas de monstros fictícios que foram emoldurados no seu imaginário mais recôndito. Não são poucas as pessoas que sofrem não por motivos evidentes, mas por motivos que não conhecem, que apenas ouviram falar. Essas pessoas fantasiam tal situação de pavor que essa condição fictícia torna-se realidade diante dos seus olhos e elas passam a sofrer como se estivessem no fragor de uma situação realmente desesperadora.

A ansiedade é outro gigante que mantém as pessoas em cativeiro. Você conhece alguma pessoa ansiosa? Tenho certeza que sim, afinal você já deve ter se olhado no espelho hoje. A ansiedade é o estrangulamento da alma, o flagelo das emoções. Ansiedade significa estrangular, sufocar. Traz também a idéia de rasgar, provocar uma fissura interior, abrir um abismo na alma, cavar um vale nas emoções, rasgando-nos ao meio e produzindo em nós uma esquizofrenia existencial.

Não apenas o medo, mas também a ansiedade é outro gigante que apavora muitas pessoas. A ansiedade é um gigante que intimida grandes e pequenos, citadinos e rurícolas, reis e vassalos, ricos e pobres, homens e mulheres. Certa feita, abordei uma criança, parabenizando-a pela placidez da sua vida. Disse-lhe: “Que vida boa, hein?!”. Ela me respondeu: “O senhor é que pensa!” Até as crianças abrigam no coração a ansiedade.

A ansiedade é uma espécie de estrangulamento da alma. Ela nos sufoca, nos tira o fôlego. A ansiedade é um sentimento errado. Ela ataca tanto a razão quanto as emoções. Ela mexe com a nossa cabeça e com o nosso coração. Ela nos leva à lona e pisa em nosso pescoço.

A ansiedade é inútil. Ela não pode alterar a situação. Não podemos acrescentar nem um côvado à nossa vida, por

maior que seja a nossa ansiedade. Além de não mudar as circunstâncias, ela nos enfraquece, roubando-nos o vigor. Em vez de nos preparar para enfrentar os problemas, a ansiedade nos aprisiona ao passado, esvazia o nosso presente e nos impede de vencer no futuro.

A ansiedade é tolice. A pessoa ansiosa antecipa o sofrimento e curte a dor antes do problema chegar. Não raro, a pessoa ansiosa sofre desnecessariamente por um problema que nem chega a acontecer.

A ansiedade revela incredulidade. Onde há ansiedade não há lugar para a fé. O gigante da ansiedade só oprime aqueles que duvidam que Deus está no controle. Ansiedade é tirar os olhos de Deus para colocá-los nas circunstâncias. Os dez espias de Israel foram esmagados pela síndrome do gafanhoto porque tiraram os olhos de Deus para colocá-los na fortaleza dos gigantes. Isso lhes deu uma perspectiva falsa do problema, fazendo com que dissessem: os gigantes são fortes e nós fracos; são muitos e nós poucos; são guerreiros e nós nômades; são gigantes e nós gafanhotos. Porque duvidaram da promessa de Deus, sentiram-se menos do que príncipes, menos do que homens, sentiram-se insetos, gafanhotos. Eles não só introjetaram um sentimento de fracasso na alma, mas também contaminaram todo o arraial de Israel com o seu pessimismo. Como resultado, toda aquela geração pereceu no deserto e não pôde entrar na Terra Prometida. Apenas Josué e Calebe olharam para as circunstâncias com os olhos da fé. Note o que eles disseram: *“Certamente o Senhor nos*

deu toda esta terra nas nossas mãos, e todos os seus moradores estão desmaiados diante de nós” (Js 2.24). Eles creram e venceram. Por terem crido, eles tomaram posse da Terra Prometida.

Não olhe ao redor, para o vento que ruga ou para o bramido das ondas. Olhe para o Senhor. Pedro andou sobre as águas enquanto manteve os olhos fitos em Jesus. O milagre estava firme debaixo dos seus pés. Mas, num instante, a fúria do vento, o barulho das ondas encheram o seu coração de medo e ele tirou os olhos de Jesus e afundou.

Há muitos outros gigantes que ainda nos afligem.

Enfrentamos o gigante da crise financeira. O mercado de trabalho está cada vez mais exigente e cada vez mais escasso. Nessa aldeia global os ricos tornam-se cada vez mais opulentos e os pobres cada vez mais desesperados. O mercado global está cada vez mais guloso, exigindo mais do nosso dinheiro e do nosso tempo. Consumimos hoje cinco vezes mais do que a geração de 1950. Os luxos de ontem são as necessidades de hoje. Hoje, mais de 70% das famílias precisam dispor de duas rendas para manter o mesmo padrão de vida de vinte e cinco anos atrás, quando mais de 70% das famílias viviam com apenas uma renda. As coisas estão tomando o lugar das pessoas. Os bens materiais estão tomando o lugar dos relacionamentos.

Sacrifica-se no altar da realização profissional o casamento e a própria vida dos filhos. Cerca de 50% dos casamentos terminam em divórcio. Dez anos depois do segundo casamento, 70% buscam o divórcio novamente. Temos presenciado casais amancebados, descasados e divorciados atolando-se cada vez mais na crise econômica, tendo que repartir o salário entre duas famílias.

A crise financeira alarga a base da pirâmide, enquanto alimenta o sistema guloso do consumismo. As riquezas concentram-se nas mãos de poucos. Nesse mundo de economia global, os grandes engolem os pequenos. Cerca de 50% das riquezas do planeta se acumulam nas mãos de algumas centenas de megaempresas. Há empresas mais ricas do que muitos países. A *General Motors* é mais rica que a Dinamarca. A *Toyota* é mais rica do que a África do Sul. A *Ford* é mais rica do que a Noruega. A *Wal-Mart* é mais rica do que cento e sessenta e um países. Quando John Rockefeller tornou-se o primeiro bilionário do mundo, isso foi noticiado como algo fantástico. Hoje há mais de quatrocentos bilionários só nos Estados Unidos. Bill Gates tem uma renda líquida de quatrocentos milhões de dólares por semana. Ele controla hoje 90% do mercado de computadores do mundo. Como encontrar um lugar ao sol neste mundo dominado pelos poderosos? A luta para conseguir um emprego é atualmente mais apertada do que para obter uma vaga na faculdade. Muitos jovens entram na universidade cheios de sonhos e saem com o coração cheio de ansiedade.

A crise, porém, é uma encruzilhada que exalta uns e abate outros. Enquanto uns colocam os pés na estrada da vitória, outros descem a ladeira do fracasso. Enquanto uns se contentam com a visão do retrovisor, enxergando apenas o que ficou para trás, outros têm a visão aumentada pela luz do farol alto, enxergando largos horizontes por sobre os ombros dos gigantes. A crise revela os medíocres, mas descobre e exalta os heróis. É do ventre da crise que nascem os verdadeiros vencedores.

Para vencer a crise é preciso ter criatividade e coragem. John Rockefeller disse que o futuro não é fruto do acaso, ele é criado por homens de visão. Os visionários fazem da crise um tempo de oportunidade, enquanto os medíocres ouvem os embaixadores do caos, os profetas do pessimismo, e se alimentam da crise. Os vencedores agarram a crise pelo pescoço e fazem dela um campo de semeadura. Os vencedores semeiam nos desertos, transformando-os em pomares frutuosos. Os medrosos vêem os gigantes e correm para se esconder; os que têm pressa para vencer correm na direção deles para derrotá-los. As portas estão fechadas para os que enxergam a vida pela lente dos medrosos e pessimistas. Mas aqueles que sonham os sonhos de Deus transformam a crise em combustível motivacional para alargar seus horizontes.

Não há idade para sonhar e tentar novos planos e projetos. Winston Churchill assumiu o cargo de primeiro-ministro da Inglaterra aos sessenta e seis anos de idade, liderando a frente vitoriosa que barrou o avanço sanguinário de Adolf

Hitler durante a Segunda Guerra Mundial. Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo, estava com sessenta e dois anos de idade quando começou um novo projeto em sua vida, tornando-se um dos maiores empresários de comunicação do mundo. A Bíblia fala que Abraão começou a andar com Deus aos setenta e cinco anos de idade e estava com cem anos quando recebeu em seus braços o filho da promessa. Quando a maior parte das pessoas já “pendurou as chuteiras” há muito tempo, Abraão estava apenas começando uma gloriosa aventura com Deus. Moisés estava com oitenta anos de idade quando foi chamado por Deus para a maior missão da sua vida, libertar o povo de Israel do cativeiro do Egito. Calebe, aos oitenta e cinco anos de idade, estava ainda cheio de vigor e sonhos, entusiasmado com os planos para tomar a cidade de Hebrom e conquistar novos horizontes em sua vida. Na verdade, os maiores desafios de nossas vidas não ficaram para trás, mas estão à nossa frente. Ainda temos gigantes para derrubar e vitórias para celebrar.

Capítulo 2 - A insolência dos gigantes que nos desafiam

Então saiu do arraial dos filisteus um homem guerreiro, cujo nome era Golias, de Gate, da altura de seis côvados e um palmo. Trazia na cabeça um capacete de bronze e vestia uma couraça de escamas cujo peso era de cinco mil siclos de bronze. Trazia caneleiras de bronze nas pernas e um dardo de bronze entre os ombros. A haste da sua lança era como o eixo do tecelão, e a ponta da sua lança, de seiscentos siclos de ferro; e diante dele ia o escudeiro [...] Disse mais o filisteu: Hoje afronto as tropas de Israel. Dai-me um homem, para que ambos pelejemos [...] Chegava-se, pois, o filisteu pela manhã e à tarde; e apresentou-se por quarenta dias (1 Sm 17:4-7,10,16).

A Bíblia fala de uma batalha que foi travada entre israelitas e filisteus. Os exércitos estavam acampados em dois montes, separados por um vale. Do acampamento dos filisteus saiu Golias, um gigante duelista, com mais de três metros de altura, usando uma armadura que pesava mais de oitenta quilos e uma lança cuja ponta pesava mais de doze quilos. Esse guerreiro amedrontador desafiou os soldados israelitas durante quarenta dias, afrontando-os e humilhando-os insolentemente, indagando de manhã e à tarde, se não havia pelo menos um homem para lutar com ele. As tropas de Israel ensarilhavam as armas e batiam em retirada, tomadas pelo medo.

Podemos extrair algumas lições desse episódio.

A primeira coisa que observamos aqui é que *diante da ameaça dos gigantes, o ânimo do povo se abate*. Os soldados de Saul ficaram aterrados de medo. Eles foram derrotados pelo medo antes mesmo de fugirem de Golias. O coração deles desmaiou, e eles se encolheram, acovardados. Tudo que conseguiam ver pela frente era o vexame e a vergonha por fugirem continuamente do adversário cheio de bravatas.

Sempre que supervalorizamos o poder dos gigantes que nos ameaçam, nós acabamos fugindo. Talvez você esteja caminhando por essa estrada da fuga há muito

tempo. Você acorda de manhã, veste a farda, reúne seus exércitos, toca a trombeta, empunha as armas e enfileira-se para a batalha, mas assim que você ouve a voz do gigante, começa a tremer dos pés à cabeça e foge desesperado.

Golias desafiou os soldados de Saul oitenta vezes. Durante quarenta dias, pela manhã e à tarde, ele lançava o desafio. O moral dos soldados já estava no chão. Eles já estavam desacreditados até mesmo aos seus próprios olhos. Para eles, a vitória era um sonho ilusório, uma possibilidade absolutamente remota. Talvez você também já tenha desistido de acreditar na vitória. Você acorda, cumpre seu ritual diário, mas na hora da peleja você foge, em vez de enfrentar o seu gigante. Você já se acostumou a fugir. Suas armas estão ficando enferrujadas. Você as carrega, mas não as usa. E quando o dia termina, a voz desafiadora do gigante ainda fica retinindo em seus ouvidos.

A segunda coisa que notamos é que *os gigantes não apenas parecem ser inimigos imbatíveis, mas também são insolentes*. Os gigantes nos afrontam e zombam da nossa força, da nossa fé, do nosso Deus. Eles escarnecem da nossa fraqueza, tripudiam sobre nossas armas e insultam o nosso Deus. Eles não têm nenhum respeito pelas nossas convicções, escarnecem e zombam da nossa religião. Eles não querem apenas nos humilhar, mas também banir Deus da nossa mente. Quando fugimos, os gigantes entendem que estão prevalecendo não apenas contra nós, mas também contra o nosso Deus.

A terceira é que *os gigantes parecem inatingíveis*. Golias trajava uma armadura cheia de escamas, impenetrável ao fio da espada. Além da armadura, ele usava caneleiras e capacete, e trazia um dardo no ombro e uma lança na mão. Como se não bastasse, um escudeiro sempre ia à sua frente para protegê-lo. Os gigantes se preparam para a luta, se protegem e se escondem atrás de estruturas e esquemas impenetráveis. São humanamente inatingíveis. Eles têm escudos de bronze, e se acham imunes aos ataques. Eles se abrigam debaixo da proteção da lei e se escondem sob o manto dos poderosos. Eles fazem as leis, e depois as manipulam, procurando brechas para poder escapar. De fato, eles são a lei.

Os gigantes se escondem atrás dos esquemas de corrupção que se instalam nas instituições e nos poderes constituídos. Muitas vezes, eles usam togas e assentam-se nos tribunais. Em vez de defenderem o povo e preservarem os valores morais que sustentam a nação, tornam-se ratazanas famintas, sanguessugas insaciáveis e parasitas que se alimentam do sangue do próprio povo. Em vez de abençoar o povo, eles o devoram, como bestas-feras. Eles oprimem, mentem, corrompem, matam e escapam. Esses gigantes não caem pelas armas convencionais. Seus escudeiros os livram dos ataques. As armaduras que vestem são impenetráveis. Por isso são tão arrogantes e insolentes. Sentem-se inexpugnáveis e invencíveis.

A quarta lição nos diz que *os gigantes são persistentes*. Golias desafiou os exércitos de Saul durante quarenta dias. Os soldados israelitas ficaram com o ânimo abatido depois de tantos fracassos. Eles se acostumaram a fugir, e tornaram-se o próprio retrato do fracasso. Se os gigantes que estão à sua frente conseguem desviar os seus olhos de Deus, se a crise faz com que você olhe só para suas limitações e fraquezas, então sua derrota, de fato, já está lavrada.

Por fim, *os gigantes precisam ser enfrentados e vencidos*. Não podemos buscar um atalho e fugir deles, porque estão por todos os lados e em cada esquina. Os gigantes pensam que são imbatíveis, por isso não saem do nosso caminho. Eles não se intimidam com o nosso aparato. Os gigantes, na verdade, revelam quem realmente somos: covardes ou corajosos. Os espias de Israel se dividiram em dois grupos. Ambos viram as mesmas circunstâncias, estavam no mesmo projeto, mas dez disseram que os gigantes eram invencíveis e apenas dois disseram que eles, e não os gigantes, eram imbatíveis. Um grupo viu no poder dos gigantes a sua fraqueza; o outro, olhou para cima, para Deus, e viu um vencedor de gigantes. A crise é assim: revela uns e abate outros; promove uns e derrota outros; desmascara os covardes e aponta os heróis. É do útero da crise que despontam os grandes vencedores. Eles não se intimidam com o tamanho dos gigantes, são obcecados pela vitória e não descansam enquanto não vêem os gigantes beijando o pó.

Os vencedores são visionários, enxergam mais longe, vêem o invisível, crêem no impossível e tocam o intangível. Eles não olham a vida pelas lentes embaçadas do pessimismo, mas vêem a vida pelo telescópio das ilimitadas possibilidades de Deus. A diferença entre um vencedor e um perdedor é a visão, a perspectiva e não as circunstâncias. A história a seguir ilustra bem esse ponto. Um homem de vida desregrada, ébrio, perdulário, teve dois filhos. Um deles tornou-se um grande empresário, respeitado por todos, homem de bem e de caráter ímpoluto. O outro, enveredou pelos caminhos tortuosos dos vícios, destruindo sua vida de tal forma que foi parar na prisão.

Um repórter, intrigado com o fato desses dois irmãos terem destinos tão diferentes, apesar de terem sido criados no mesmo lar, sob a influência do mesmo pai e recebendo a mesma herança genética, resolveu entrevistá-los. O primeiro a ser entrevistado foi o que estava na prisão. O repórter perguntou então àquele homem sucateado pelo vício:

— Como você veio parar na prisão? Por que você se entregou aos vícios de forma tão degradante?

Ele respondeu:

— Com o pai que eu tive, poderia ser diferente?

O repórter saiu dali e foi procurar o outro filho, fazendo-lhe a seguinte pergunta:

— Como você chegou onde está? Qual o segredo do seu sucesso?

E ele respondeu:

— Com o pai que eu tive, não poderia seguir seus passos. Assim, dediquei-me com todo ardor a um ideal elevado e me tornei um vencedor.

A visão determina a ação. Os verdadeiros gigantes não estão fora de nós, mas dentro de nós. Não somos

derrotados pelas circunstâncias, mas pelos nossos sentimentos. Os gigantes fictícios e irreais são mais fortes que os gigantes reais. Eles nos atacam por fora, mas os sentimentos por dentro. Como podemos vencer esses gigantes? A história de Davi e Golias lança luz sobre esse magno assunto. Veremos a resposta a essa questão nos próximos capítulos.

Capítulo 3 - Vencedores de gigantes não ouvem a voz dos pessimistas

Então saiu do arraial dos filisteus um homem guerreiro, cujo nome era Golias, de Gate, da altura de seis côvados e um palmo [...] Clamou às tropas de Israel e disse-lhes: Para que saís, formando-vos em linha de batalha? Não sou eu filisteu e vós servos de Saul? Escolhei dentre vós um homem que desça contra mim [...] Hoje afronto as tropas de Israel. Dai-me um homem, para que ambos pelejemos. Ouvindo Saul e todo o Israel estas palavras do filisteu, espantaram-se e temeram muito [...] Todos os israelitas, vendo aquele homem, fugiam de diante dele, e temiam grandemente (1 Sm 17. 4,8,10,11,24).

Alexandre Rangel, em seu livro *As Mais Belas Parábolas de Todos os Tempos*, conta a história de um homem que vivia à beira da estrada e vendia cachorros-quentes. Não tinha rádio e, por deficiência de visão, não podia ler jornais. Em compensação, vendia bons cachorros-quentes. A maneira como divulgava seu produto era bem simples: um cartaz na beira da estrada, anunciando a mercadoria, e quando alguém passava, ele gritava: “Olha o cachorro-quente especial!”. E as pessoas compravam. Com isso, suas vendas foram crescendo e os pedidos de pão e salsicha aumentando. Entusiasmado, ele resolveu construir uma mercearia e telefonou para o filho, que morava em outra cidade, para contar a novidade. Mas, ao ouvir os planos do pai, o filho retrucou:

— Pai, o senhor não tem ouvido as notícias no rádio? Não tem lido os jornais? O país está passando por uma crise muito séria, e a situação internacional está muito instável!

Diante disso, o pai pensou: “Meu filho estuda na universidade, ouve rádio e lê jornais, portanto, deve saber o que está dizendo!” Assim, ele reduziu os pedidos de pão e salsicha, tirou o cartaz da beira da estrada e não ficou mais apregoando os seus cachorros-quentes. Com isso, as vendas caíram do dia para a noite. O pai, então, disse ao filho: “Você tinha razão, meu filho, a crise é realmente muito séria!”

Cuidado com o vozerio dos pessimistas, eles olham para a vida com lentes embaçadas. Eles perdem a vida por medo de viver. Eles correm até da sombra. Eles pensam que os gigantes são invencíveis.

O gigante Golias julgava-se imbatível. Era um guerreiro inveterado, assombroso, experiente, que infundia medo em todo o exército de Saul. Ele desafiou os exércitos de Israel e fez Saul e seus soldados recuarem, empapuçados de medo. Durante quarenta dias, Golias afrontou os exércitos do Deus vivo e não apareceu ninguém com coragem para enfrentá-lo.

Mas, em meio à orquestra do medo, ouve-se o clarinete da esperança. Entre o povo circulou a notícia de que o jovem pastor Davi, que acabara de chegar de Belém, estava disposto a enfrentar o gigante. Essa notícia espalhou-se rapidamente e foi parar no palácio do rei. Davi tapou os ouvidos à voz dos embaixadores do caos; ele não ouviu os profetas do pessimismo, nem inclinou os seus ouvidos ao vozerio desolador da multidão apavorada.

Um vencedor de gigantes não segue o caminho dos medrosos. Os prognósticos agourentos dos covardes só infundem desespero. Eles olham para a vida com lentes cinzentas e só enxergam dificuldades. A voz da multidão

quase sempre infunde medo e conduz ao fracasso. Aqueles que nunca mataram um gigante vão lhe dizer que os gigantes são invencíveis. Aqueles que correm até da sombra dirão que a estrada da vida está cheia de fantasmas. Aqueles que fracassam justificarão suas retiradas do campo de batalha.

Precisamos olhar não para a altura dos gigantes, mas por sobre seus ombros e agarrar a crise pelo pescoço. Precisamos olhar não para a carranca da crise, mas para as possibilidades que se ocultam por trás delas. A crise é um tempo de oportunidade, um terreno fértil de milagres. A crise é o cemitério dos covardes e a porta de entrada da terra prometida para os vencedores. Enquanto todos se assentam para chorar, os vencedores empunham as armas e triunfam. Enquanto os covardes só se encolhem de medo diante das dificuldades, os vencedores permanecem com os olhos fixos na recompensa e obcecados pela vitória. Por isso, não dê atenção aos medrosos. Você pode derrubar os gigantes e ser um vencedor.

O Salmo 137 apresenta-nos um quadro que elucida esse ponto. O povo de Israel havia sido banido de Jerusalém e levado para o exílio na Babilônia. Todos enfrentavam um passado de dor e perdas. Agora, eles estavam às margens dos rios da Babilônia, onde não desejavam estar, e fazendo o que não queriam. Como eles reagiram a essa situação?

Eles se entregaram à um estado de apatia coletiva. Eles se assentaram e dependuraram suas harpas. Em vez de cantarem suas canções no exílio, entregaram-se à nostalgia. Eles se assentaram para chorar e não para sonhar com novos tempos ou traçar estratégias para retornar à terra da promessa. Além disso, entregaram-se às memórias amargas e às lembranças de Sião. Eles estavam sem ânimo para viver o presente porque ainda moravam no passado. Deixaram de ser uma referência no presente porque estavam presos ao passado. Em vez de cantar em terra estranha, eles choraram. Em vez de abençoar o povo da Babilônia, sendo luz nas trevas, encheram o peito de ódio e clamaram por vingança. A única coisa que eles fizeram foi chorar pelo passado e desejar um futuro marcado de tragédia para os seus adversários. Disseram: *“Filha de Babilônia, que hás de ser destruída; feliz aquele que te der o pago do mal que nos fizeste! Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra”* (Sl 137.8,9).

Daniel e seus amigos estavam no mesmo cativeiro, mas escolheram outro caminho, outra atitude. Eles não esqueceram os dias passados, mas não deixaram de viver o presente e sonhar com o futuro. Eles decidiram influenciar o meio em que estavam vivendo. Superaram a crise e fizeram dela um instrumento de bênção para outras pessoas. Daniel tornou-se conhecido em toda a Babilônia, e mais do que isso, tornou seu Deus também conhecido. Ele se tornou maior que o rei da Babilônia. Caiu a Babilônia, mas Daniel permaneceu de pé.

As impossibilidades dos homens são possíveis para Deus. Um vencedor de gigantes mantém seus olhos em Deus e nunca nas circunstâncias. Pedro afundou no mar quando tirou os olhos de Jesus para colocá-los no fragor das ondas. Enquanto ele manteve os olhos em Jesus foi capaz de caminhar em meio à tormenta, mas no instante em que reparou na força do vento, teve medo e começou a ser engolido pelos vagalhões. Andar sobre as águas é algo impossível para o homem, mas quando nossos olhos estão fitos no Criador do céu e da terra, podemos experimentar o sobrenatural e pisar no solo firme dos milagres.

Um vencedor de gigantes não vê o passado como um obstáculo, mas enxerga o futuro como um campo fértil de gloriosas realizações. Juscelino Kubitschek foi presidente do Brasil no período de 1956 a 1961. Seu pai era caixeiro-viajante e sua mãe professora. Ficou órfão de pai aos três anos. Teve uma infância muito pobre. Com o coração engravidado de sonhos, ainda muito jovem deixou a cidade de Diamantina e foi estudar Medicina em Belo Horizonte. Lutava com tantas dificuldades para custear seus estudos que não lhe sobrava dinheiro nem para comprar uma cadeira, tendo que improvisar com um caixote de tomate. Mas esse homem venceu os seus gigantes. Concluiu o curso de Medicina e tornou-se um médico cirurgião, indo logo depois aperfeiçoar seus estudos na França e na Alemanha. Quando retornou ao Brasil, ingressou na política, elegendo-se deputado federal por duas legislaturas. Foi prefeito de Belo Horizonte, governador do Estado de Minas Gerais e por fim presidente da República, governando o Brasil de 1956 a 1961. Em 21 de abril de 1960 inaugurou a nova capital da

República, Brasília, situada no coração do serrado brasileiro. Juscelino venceu a crise e tornou-se um ícone da nação.

História semelhante pode ser vista na vida do torneiro mecânico Luiz Inácio Lula da Silva, que saiu do sertão de Pernambuco para São Paulo, viajando em um pau-de-arara, em busca de novos horizontes. Timbrado pela pobreza, sem as portas abertas das oportunidades da educação, Lula foi um guerreiro destemido. Sua pobreza não sepultou os seus sonhos. Desde a juventude mergulhou seu coração nas tensões dos trabalhadores. Tornou-se líder de classes. Posicionou-se ao lado dos trabalhadores. Tornou-se a voz dos homens sujos de graxa. A cada passo que dava, os horizontes se alargavam. Até que despontou como líder, ganhou espaço, notoriedade, vez e voz. Seu sonho elasteceu. De líder sindical, passou a político de projeção. Galgou os degraus da popularidade, tornando-se deputado federal. Seus sonhos ainda foram mais ousados. Aspirou chegar à presidência da República, o posto mais alto da nação. Isto representava algo inédito: um plebeu, sem cruzar os umbrais de uma universidade, sem ostentar diplomas, pleiteava o posto de maior honra da nação. Em sua jornada rumo ao palácio do Planalto, sofreu três derrotas consecutivas, mas nunca se abateu nem se acovardou. Até mesmo alguns de seus aliados políticos tentaram demovê-lo de concorrer ao último pleito e prosseguir em busca do seu sonho, mas ele bravamente resistiu, sem recuar diante das dificuldades.

Muitos acharam que ele jamais conseguiria vencer os gigantes da política nacional. Mas sua perseverança triunfou sobre a voz dos pessimistas e Lula alcançou consagradora vitória, pondo os pés na rampa do Palácio do Planalto no dia 1 de janeiro de 2003 como presidente eleito da República Federativa do Brasil. Sua história pode ser controvertida, mas jamais apagada. Talvez ele tenha granjeado muitos inimigos nesse processo, mas ninguém pode negar que ele possui a marca dos vencedores de gigantes. Hoje Lula é considerado um ícone nacional, símbolo de um homem que, com otimismo inveterado, tapou os ouvidos à voz dos pessimistas para alcançar esplêndidas vitórias.

Vencedores de gigantes superam suas próprias limitações. A obsessão por vencer é maior do que suas próprias fraquezas. Eles alimentam-se de sonhos e não se abatem por causa dos pesadelos. Franklin Delano Roosevelt foi o único presidente dos Estados Unidos eleito para quatro mandatos consecutivos. Nascido no Estado de Nova York, em 30 de janeiro de 1882, Roosevelt estudou na Universidade de Harvard de 1900 a 1904, e formou-se em Direito pela Universidade de Colúmbia. Deixou a carreira de advogado para entrar na política, elegendo-se senador em 1910, pelo Estado de Nova York. Em 1920, foi derrotado como candidato à vice-presidência da República. No ano seguinte, quando estava com trinta e nove anos de idade, foi acometido de poliomielite e ficou paralisado da cintura para baixo. Em 1928 foi eleito governador do Estado de Nova York, cargo para o qual foi reeleito em 1930.

A despeito do seu problema físico, Roosevelt nutria no coração um sonho audacioso: ser presidente dos Estados Unidos. Os arautos do caos tentaram demovê-lo, mas ele, com determinação insuperável, lutou bravamente contra a enfermidade e não permitiu que ela se tornasse um gigante e o impedisse de realizar seus sonhos. Roosevelt não apenas superou seus próprios limites, mas alcançou alturas jamais conquistadas na saga da política americana. Foi eleito presidente dos Estados Unidos em 1932, realizando um mandato esplêndido, tirando o país do atoleiro da crise financeira através de um programa econômico que ficou conhecido como *New Deal*. Foi reeleito em 1936, e novamente em 1940. Foi finalmente reeleito em novembro de 1944 mas, gravemente enfermo, não chegou a assistir à vitória aliada na Segunda Guerra Mundial, morrendo em 12 de abril de 1945, na cidade de Warm Springs, no Estado da Geórgia. Roosevelt conseguiu tirar seu país do mais profundo atoleiro financeiro e liderou a nação durante o dramático período da Segunda Guerra Mundial. Ele foi um vencedor de gigantes!

Capítulo 4 - Vencedores de gigantes triunfam sobre as críticas

Ouvindo-o Eliabe, seu irmão mais velho, falar àqueles homens, acendeu-se-lhe a ira contra Davi, e disse: Por que desceste aqui? E a quem deixaste aquelas poucas ovelhas no deserto? Bem conheço a tua presunção e a tua maldade; desceste apenas para ver a peleja. Respondeu Davi: Que fiz eu agora? Fiz somente uma pergunta. Desviou-se dele [...] Porém Saul disse a Davi: contra o filisteu não poderás ir para pelejar com ele; pois tu és ainda moço, e ele, guerreiro desde a sua mocidade [....] Olhando o filisteu, e vendo a Davi, o desprezou (1 Sm 17.28-30, 33, 42).

Antes de vencer o gigante Golias, Davi precisou vencer aqueles que o criticavam.

Os críticos são como erva daninha, florescem em qualquer lugar. São os inimigos de plantão, que sempre estão à nossa espreita. Estão espalhados por toda parte, esperando para nos morder sem piedade. Eles estão dentro de casa, nas ruas, no trabalho, na escola e até na igreja.

Davi foi duramente criticado pelo seu próprio irmão Eliabe. A raiz da crítica era a inveja. Davi foi criticado também por Saul, que o julgou inepto e incapaz de enfrentar o gigante Golias. Saul subestimou Davi. Finalmente, Davi foi criticado pelo próprio duelista, o gigante Golias, que o desprezou, escarnecendo dele e do seu Deus. A motivação foi o sentimento de superioridade.

Você não pode ser um vencedor de gigantes sem antes vacinar-se contra o veneno dos críticos. O objetivo deles é sempre querer nos nivelar à sua mediocridade. Eles são medrosos e covardes e não toleram ver em nós uma atitude de confiança diante dos desafios da vida. Os críticos questionam nossas motivações, julgam nossos propósitos e

assacam contra nós acusações pesadas e levianas, tentando macular a nossa honra e desbaratar nossos objetivos.

Os críticos são movidos pelo combustível da inveja. O invejoso é aquele que se sente infeliz por não ser como você e por não ter o que você tem. Caim matou Abel por inveja, em vez de seguir seu exemplo. Os irmãos de José tentaram se livrar dele por inveja, em vez de seguir os seus passos. Os fariseus, por inveja de Jesus, preferiram persegui-lo a seguir os seus ensinamentos. O invejoso é um egoísta inveterado, dono de uma auto-imagem doentia. Ele sofre de um avassalador complexo de inferioridade. É capaz de chorar com os que choram, mas jamais se alegrar com os que se alegram.

Algumas situações específicas nos tornam mais vulneráveis às críticas. Veremos a seguir quando as críticas podem nos machucar.

1. As críticas podem nos machucar quando vêm de alguém que deveria estar do nosso lado.

Eliabe era irmão de Davi. Ele era sangue do seu sangue. Como irmão mais velho, viu Davi crescer e despontar como músico de dotes excelentes. Ele conhecia o caráter piedoso de Davi e sabia que seu irmão era alguém escolhido por Deus. Mas Eliabe não se alegrou com o sucesso de Davi. A felicidade do seu irmão foi a sua tristeza. O sucesso de Davi foi o seu fracasso. A vitória de Davi foi a sua derrota. Há pessoas que não conseguem celebrar a vitória dos outros. Ficam tristes sempre que alguém é promovido. Sentem-se inseguras, ameaçadas e lesadas sempre que alguém é colocado num posto de preeminência.

Eliabe irritou-se por causa da coragem de Davi. A coragem de Davi era uma denúncia e uma ameaça à sua covardia. Eliabe tinha pose, mas não tinha fibra; tinha tamanho, mas não caráter. Tinha cacoete de soldado, mas não a têmpera de um vencedor de gigantes.

2. As críticas podem nos machucar quando questionam nossas motivações.

Eliabe chamou Davi de presunçoso. Nada mais longe da verdade. A verdadeira motivação que fez Davi enfrentar o gigante foi o seu zelo pela glória de Deus. Os exércitos do Deus vivo estavam sendo afrontados e o nome de Deus escarnecido. As tropas de Israel estavam envergonhadas e humilhadas. Davi não podia aceitar que um filisteu incircunciso continuasse humilhando o povo de Deus. Por isso, se dispôs a enfrentar o temido duelista.

Os críticos são especialistas em torcer a verdade. Eles se alimentam da mentira. Eles nos julgam como se fôssemos iguais a eles. Por isso, questionam e torcem as nossas motivações. Eles não podem crer que haja pessoas honestas, com propósitos santos e puros. São pérfidos e destilam veneno em suas palavras. Agem como Satanás quando acusou Jó. Satanás questionou a motivação da fidelidade de Jó, argumentando que Jó só era fiel a Deus porque recebia muitas bênçãos de Deus. Satanás acusou Jó

de ser uma pessoa hipócrita e interesseira. Para Satanás, Jó amava mais o dinheiro, a família e a saúde do que a Deus. Mas Jó não era semelhante a Satanás. Ele era filho de Deus. Possuía outro caráter, outros valores, outra motivação. Seu amor por Deus era superior a todas as outras devoções.

Eliabe não podia aceitar que Davi recebesse os louros daquela vitória. Afinal, Davi não passava de um simples pastor de ovelhas, enquanto que ele, Eliabe, era soldado e guerreiro. Os holofotes deveriam estar sobre ele, e não sobre Davi. Como Eliabe não tinha coragem suficiente para enfrentar Golias, ele colocou em dúvida a motivação de Davi.

3. As críticas podem nos machucar quando são contínuas.

Eliabe era um crítico inveterado, crônico e intermitente. Ele não dava pausa. Estava sempre buscando uma ocasião para atingir Davi. Em vez de lutar pelos seus próprios sonhos, buscava destruir os sonhos do irmão. Eliabe tinha o hábito de atacar Davi. As virtudes deste o incomodavam. Em vez de imitar Davi e seguir suas pegadas, ele tentava jogar lama em Davi. A resposta de Davi à sua insolente crítica mostra a personalidade doentia do irmão mais velho: “Que fiz eu agora?” Davi já estava acostumado com as palavras cheias de veneno de Eliabe.

Assim são aqueles que se alimentam do absinto da inveja, preferem destruir o outro a imitar suas virtudes. Davi era um jovem forte, corajoso, habilidoso e tinha uma profunda comunhão com Deus. Era um músico consagrado, um compositor inspirado. Mesmo trabalhando como pastor nas rudes e toscas montanhas de Belém, tinha grande sensibilidade ao dedilhar a harpa. Embora sendo o caçula da família, as virtudes de Davi lançavam sombras sobre a mediocridade de Eliabe, que tinha uma performance invejável, mas não um caráter firme. Só tinha aparência, mas sem vida. Em vez de aproveitar as oportunidades para amadurecer, resolveu atacar o irmão para impedir que ele se projetasse.

Mas as críticas não podem derrubar os vencedores de gigantes, ainda que sejam contínuas e cheias de veneno.

4. As críticas podem nos machucar quando vêm daqueles que nos conhecem.

Eliabe conhecia a Davi desde o seu nascimento. Sabia de sua devoção a Deus, de sua coragem e força, mas sobretudo, sabia que Deus já o havia escolhido para ser o futuro rei de Israel. Eliabe criticou Davi porque queria estar no lugar dele, apesar de não ter o caráter de Davi. A crítica que machuca não é a que procede de pessoas estranhas, mas daquelas mais chegadas. Quando somos atacados por pessoas próximas a nós, que convivem conosco e nos conhecem, isso fere a nossa alma.

Davi não discutiu com Eliabe, ele simplesmente saiu dali. A atitude de Davi revela domínio próprio. A primeira vitória de Davi foi sobre si mesmo diante de seu irmão. Não precisamos fazer o jogo daqueles que querem paralisar os nossos passos. Vencedores de gigantes não têm que se

defender das críticas ruidosas dos covardes nem perder tempo com os invejosos, mas caminhar resolutamente em direção à vitória. Fuja daqueles que gratuitamente buscam humilhá-lo ou transferir para você a sua covardia, projetando em você a sua mediocridade. Não desperdice seu tempo nem suas emoções com aqueles que se intrometem na sua vida e tentam afastá-lo do caminho da vitória.

5. As críticas podem nos machucar quando demonstram ingratidão.

Davi não foi até o campo de batalha por iniciativa própria. Ele estava ali porque Jessé, seu pai, assim lhe ordenara. Seu propósito não era diminuir seus irmãos, Eliabe, Abinadabe e Samá, que estavam na guerra, nem tirar-lhes o brilho da honrosa posição, mas apenas alimentá-los. Davi foi até lá levar comida para os irmãos (1 Sm 17.17). A motivação de Davi não era presunção nem maldade, como Eliabe o acusou (1 Sm 17.18), mas humildade e obediência,

abnegação e prontidão para servir. Davi foi até o campo para abençoá-los e não para afligi-los. A acusação feita a Davi era um desatino, uma inversão da verdade, uma clamorosa injustiça, uma consumada ingratidão.

Davi não estava no campo de batalha motivado por presunção ou maldade. Ele foi até lá para saber se os seus irmãos estavam bem (1 Sm 17.22). Era o bem, e não o mal de seus irmãos que Davi buscava. Davi estava preocupado com o bem-estar físico e emocional dos seus irmãos, mas Eliabe atirou contra ele uma seta envenenada de ingratidão.

As críticas injustas e recheadas de ingratidão nos machucam. As pessoas são capazes de ferir as mãos que as abençoam. Elas são capazes de questionar nossas motivações mais puras e nossos gestos mais sublimes. Vencedores de gigantes não se deixam abater com as críticas, não dependem de elogios nem desanimam com as críticas.

6. As críticas podem nos machucar quando vêm cheias de descontrole emocional.

Quando Eliabe ouviu Davi falando com os homens de Israel acerca da sua disposição de enfrentar o gigante, acendeu-se-lhe a ira contra Davi (1 Sm 17.28). A ira descontrolada provoca grandes tragédias. Um homem iracundo, sem domínio próprio, é um barril de pólvora, uma mina prestes a explodir, um perigo àqueles que estão à sua volta. A ira descontrolada é uma porta aberta para a ação devastadora do diabo (Ef 4.26,27). Aqueles que não controlam seus sentimentos, não controlam a língua. E a língua movida por um coração irado é um fogo incontrolável, um veneno mortífero, um mundo de iniquidade.

Vencedores de gigantes são alvos das críticas mais duras. Eles não apenas derrubam os gigantes, eles incomodam os covardes. Suas vitórias representam a derrota dos invejosos. Seu triunfo tem um gosto amargo para aqueles que não toleram ver o seu sucesso. Uma antiga lenda ilustra bem esse fato. Certa vez, uma cobra estava perseguindo um vagalume. Depois de três dias de implacável perseguição, o vagalume parou e perguntou à asquerosa víbora: “Posso lhe fazer três perguntas?” A cobra respondeu: “Não costumo fazer concessão, mas vamos lá. O que deseja saber?” O vagalume então perguntou: “Eu lhe fiz algum mal?” “Não”, respondeu a víbora. “Faço parte da sua cadeia

alimentar?” “Também não”, respondeu a serpente. “Por que, então, você quer acabar comigo?” A cobra respondeu: “Porque não tolero ver você brilhando”. Assim são os críticos invejosos, movidos pelo combustível da ira.

7. As críticas podem nos machucar quando visam nos humilhar.

Eliabe acrescentou um detalhe à sua crítica a Davi que revelou sua sórdida intenção de humilhá-lo: *“Por que desceste aqui? E a quem deixaste aquelas poucas ovelhas no deserto?”* (1 Sm 17.28). Sua intenção evidente era afirmar que Davi não tinha cancha para ser um soldado, que não passava de um insignificante e pobre pastor, com poucas ovelhas. As palavras de Eliabe eram carregadas de veneno. Ele deixava vaziar de seu coração invejoso sua fraqueza, insegurança, e complexo de inferioridade. Pretendia se sair bem diminuindo Davi; aparentar ser maior, humilhando seu irmão.

Vencedores de gigantes não precisam de aplausos nem perdem o entusiasmo quando são humilhados. A grandeza de Davi não estava na riqueza material, mas na dignidade do seu caráter. Era um simples pastor, mas conhecia o grande Deus. Era pobre, mas possuía tudo. Vivia na solidão do deserto e não nas frentes de batalha, mas tinha coragem e disposição para vencer os gigantes!

8. As críticas podem nos machucar quando vêm de pessoas que não acreditam em nosso potencial.

Saul estava com muito medo do gigante (1Sm 17.11) e subestimou a capacidade de Davi para enfrentá-lo. O crítico sempre está pronto a achar defeito em tudo que os outros fazem, mas ele mesmo não se dispõe a fazer alguma coisa. O crítico é aquela pessoa que polui todas as soluções que

você encontra. Aquele que nunca matou um gigante irá lhe dizer que isso é impossível. Saul disse que Davi era muito jovem e também inexperiente (1 Sm 17.31-33) para enfrentar um gigante adestrado nas batalhas como Golias. A mensagem que Saul estava transmitindo a Davi era: “Veja bem, ele é forte, e você é fraco. Ele é um guerreiro, e você um simples pastor de ovelhas. A luta é desigual e você não tem nenhuma chance de prevalecer”.

Os medrosos sempre tentam transferir aos outros o seu pessimismo. Eles tentam nivelar as pessoas à sua própria mediocridade. O que eles sabem fazer é contar os inimigos e fugir na hora da peleja. Davi viu primeiro o potencial, depois o problema. O exército de Saul viu primeiro o problema, depois o potencial. O exército viu Golias, Davi viu a Deus. Oswald Sanders disse que os olhos que olham são comuns, mas os olhos que vêem são raros. Foi por isso que Eliseu orou para que Deus abrisse os olhos do seu moço, a fim de que ele visse a majestade dos exércitos de Deus e não a opulência dos adversários.

Vencedores de gigantes não dão ouvidos aos arautos do pessimismo. Eles não olham para as dificuldades, mas para as possibilidades. Eles não gastam tempo medindo a altura do inimigo, mas fortalecem os braços para vencê-lo. Eles não fogem assustados com o rugido do inimigo, mas correm para a linha de frente, para a zona de combate, porque estão obcecados pela vitória.

Saul enxergou três empecilhos em Davi:

Primeiro, ele considerou Davi incapaz – Saul disse: “Você não pode...”. Nunca diga para uma pessoa que ela não pode. Aquele que confia em Deus pode o impossível. O apóstolo Paulo, mesmo preso, na ante-sala do martírio, disse: *“Tudo posso naquele que me fortalece”* (Fp 4.13).

Segundo, ele considerou-o inexperiente – Saul disse: “Você não tem experiência”. O sucesso de uma pessoa não está na sua idade cronológica, mas na sua confiança em Deus. Há jovens sábios e velhos tolos. Há jovens cansados e velhos cheios de sonhos e projetos. Davi nunca tinha estado numa guerra, mas tinha intimidade com o Senhor dos Exércitos. Ele nunca tinha empunhado uma espada, mas tinha matado um urso e agarrado um leão pela barba e vencido. Davi nunca tinha usado uma armadura nem empunhado um escudo, mas manejava com perícia sua funda. Ele não tinha performance para fazer parte do exército de Saul, mas tinha determinação para enfrentar e vencer o gigante.

Terceiro, ele considerou-o muito jovem – Saul disse: “Você é ainda muito jovem”. Davi era jovem, mas corajoso. Era jovem, mas confiava em Deus e possuía a fibra de um vencedor de gigantes. Os jovens também podem ser heróis

e vencedores. Eles podem triunfar sobre os gigantes. Se você é jovem, não permita que os críticos contaminem seu coração e deixem você desanimado por causa da sua pouca idade. Eu saí da casa dos meus pais com doze anos de idade para estudar. Ainda criança deixei o campo, a lavoura, a família para enfrentar os desafios da cidade grande e descortinar o futuro. As lutas foram muitas, mas um a um os gigantes foram sendo derrotados. Hoje sei que Deus dá vitória àqueles que esperam nele.

9. As críticas podem nos machucar quando vêm daqueles que querem nos destruir.

Golias não só desafiou os exércitos de Israel, mas também insultou Davi (1 Sm 17.34-36). Ele era arrogante, insolente e blasfemo. Os gigantes têm a capacidade de nos intimidar quando insistem em nos desafiar. Eles se tornam ameaçadores quando têm uma certa reputação e insistem em aparecer. Eles se tornam perigosos quando nos derrotam psicologicamente e apavoram os que estão do

nosso lado. Ficamos fragilizados quando tudo o que conseguimos fazer é nos reunir, mas não enfrentamos o gigante, ou quando nossos líderes encharcam-se de medo e fogem da peleja.

Golias usou três métodos diferentes para humilhar os seus opositores:

Primeiro, ele afrontou as tropas de Israel (1 Sm 17.10,36) – Os soldados de Saul fugiram porque olharam para a bravura, para a altivez e insolência do gigante. Os soldados olharam para si mesmos e viam-se como um bando de homens medrosos. Mas Davi viu a cena com outros olhos. Para ele, Golias não estava apenas afrontando os soldados de Saul, mas afrontando os exércitos do Deus vivo (1 Sm 17.36). A batalha não era apenas no plano físico, mas sobretudo, na dimensão espiritual. Golias não estava se insurgindo apenas contra Israel, mas contra o Deus de Israel. Assim, a diferença entre os vencedores de gigantes e aqueles que fogem dos gigantes é simplesmente uma questão de visão e perspectiva. Precisamos saber que mais são aqueles que estão conosco do que aqueles que estão contra nós. Precisamos saber que se Deus é por nós, ninguém poderá ser contra nós. Se Deus está conosco, somos maioria absoluta. Somos invencíveis. Podemos derrubar gigantes.

Segundo, ele amaldiçoou Davi (1 Sm 17.43) – Os gigantes têm uma boca insolente e cheia de maldição. Eles nos desprezam e invocam sobre nós a maldição de seus deuses. Eles tentam nos assustar e nos vencer pelo seu aparato bélico e pelas suas divindades ameaçadoras. Mas os vencedores de gigantes não entram nessa peleja confiados no braço da carne. A vitória não é dos fortes nem dos que correm melhor, mas daqueles que esperam no Senhor. Davi disse: *“Eu vou contra ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado”* (1 Sm 17.45). A afronta de Golias não era contra os homens, mas contra Deus. Ninguém pode lutar contra Deus e prevalecer. Ninguém pode desafiar o Deus Todo-poderoso e escapar. Davi enfrentou o gigante não com a possibilidade da vitória, mas com a certeza da vitória, porque Deus jamais saiu vencido de uma batalha.

Terceiro, ele ameaçou acabar com Davi (1 Sm 17.44) – Os gigantes pensam que são invencíveis. Eles jamais contam com a derrota. Eles são convencidos. Eles sofrem de um grande complexo de inexpugnabilidade. São megalomaníacos. Mas quem se exalta será humilhado. Quem tenta ficar de pé estribado no bordão da autoconfiança precisa beijar o chão e se alimentar com o pó da derrota. A maldição imprecada a Davi voltou-se contra Golias. Ele mesmo sofreu o golpe fatal de suas medonhas previsões. Ao afrontar Davi, ele estava afrontando o Deus de Davi. Quem toca nos filhos de Deus toca na menina dos olhos de Deus. Quem declara guerra contra os filhos de Deus chama o próprio Deus Todo-poderoso para a briga. Naquele combate, o gigante caiu. Davi, com uma só pedra, jogou o gigante ao chão. A cabeça de Golias foi cortada pela sua própria espada. Ele pereceu através de suas próprias armas. Golias morreu. Davi prevaleceu. Israel ficou livre e o

nome de Deus foi glorificado. Davi não se intimidou porque tinha paixão em promover a glória de Deus; tinha seus olhos na recompensa e sabia que o próprio Deus é quem estava pelejando por ele.

Os tempos mudaram. Você mudou. Os gigantes se travestiram e usam novas roupagens, mas eles ainda rondam a nossa vida e nos espreitam com insolentes ameaças. Muitos ainda estão com medo, dando as costas ao inimigo e fugindo acovardados. Muitos estão desacreditados aos seus próprios olhos, enfileirados apenas para fugir ao somido do próximo estardalhaço do gigante. Volte seus olhos para Deus em vez de inclinar os seus ouvidos às bravatas dos gigantes. Você não foi criado para viver debaixo das botas dos gigantes. Ponha sua fé naquele que está assentado no alto e sublime trono. Enfrente o seu gigante em nome do Senhor dos Exércitos. Não deixe que a insolência dos gigantes tire de você a certeza da vitória e a pressa para vencer.

A revista *Time* de abril de 1986 publicou um artigo sobre algumas pessoas que foram consideradas sem perspectiva de futuro. Todas foram vistas pelos críticos como condenadas ao fracasso. Quer saber os nomes de algumas dessas pessoas?

Beethoven - Seu professor certa feita fez o seguinte comentário sobre ele: “Esse jovem tem uma maneira estranha de manusear o violino. Prefere tocar suas próprias composições ao invés de aprimorar sua técnica”. Esse mesmo professor avaliou que não havia esperança para ele como compositor. Beethoven não aceitou esse prognóstico pessimista a seu respeito. Ele superou todas as dificuldades e triunfou. Mesmo tendo ficado completamente surdo, ele se tornou um dos músicos mais excelentes e consagrados de toda a história. Seus críticos tiveram que engolir suas previsões negativas e ver o sucesso desse gigante da música clássica. Mesmo carregando o fardo da surdez, compôs músicas timbradas pelo mais alto grau de excelência.

Walt Disney - Foi despedido pelo editor de um jornal sob alegação de “falta de idéias e de criatividade”. Walt Disney foi à falência várias vezes, mas em vez de naufragar na tempestade das circunstâncias adversas e sucumbir pela impiedade dos críticos, triunfou e hoje seu nome é conhecido no mundo inteiro como o criador do maior parque de diversões do planeta. Amealhou riqueza, fama e prestígio, deixando seus críticos com o sabor amargo da derrota.

Thomas Alva Edison - Sua professora o devolveu à mãe por considerá-lo inapto para o aprendizado. Sua mãe, sem perder o ânimo, resolveu investir em sua educação. Certa feita, ele perguntou à sua mãe por que a escola o recusara, e ela lhe respondeu: “Porque você é muito inteligente e a

escola não consegue acompanhar seu ritmo de aprendizado”. Thomas Alva Edison superou as dificuldades e galgou o honroso posto de maior cientista do mundo, tendo registrado mais de mil invenções, entre elas a lâmpada elétrica. No dia de sua morte, como forma de homenageá-lo, desligaram todas as luzes por alguns minutos, mostrando como seria o mundo sem ele.

Albert Einstein - Sua tese de doutorado em Bonn foi considerada irrelevante e sofisticada. Alguns anos depois, foi expulso da Escola Politécnica de Zurich. Alguns de seus críticos acharam que não havia futuro para ele, mas Einstein galgou as alturas excelsas, fazendo vôos altaneiros em suas conquistas científicas. Tornou-se mundialmente conhecido por ter descoberto a teoria da relatividade, que lhe valeu o Prêmio Nobel de Física.

Luiz Pasteur - Foi um estudante medíocre. Em uma turma de vinte e dois alunos de química, obteve apenas a décima quinta colocação. Mas devemos a ele a descoberta da penicilina, que tanto tem contribuído para o tratamento dos males que afligem a humanidade.

Henry Ford - Foi o pioneiro na fabricação de carros em série. Foi à falência cinco vezes antes de ser bem-sucedido nos negócios.

Não permita que os críticos roubem as suas forças ou tirem de você a sede da vitória. Enfrente os gigantes e vença-os!

Capítulo 5 - Vencedores de gigantes não usam armas alheias

Saul vestiu a Davi da sua armadura, e lhe pôs sobre a cabeça um capacete de bronze, e o vestiu de uma couraça. Davi cingiu a espada sobre a armadura e experimentou andar, pois jamais a havia usado; então, disse Davi a Saul: Não posso andar com isto, pois nunca o usei. E Davi tirou aquilo de sobre si. Tomou o seu cajado na mão, escolheu para si cinco pedras lisas do ribeiro, e as pôs no alforje de pastor, que trazia, a saber, no surrão, e, lançando mão da sua funda, foi-se chegando ao filisteu (1 Sm 17. 38-40).

Antes de enfrentar o gigante Golias, Davi enfrentou o gigante institucional. Havia falta de liderança em Israel. Saul

estava com medo. Abner, o comandante das tropas, não dava notícia. Os soldados ainda estavam tremendo depois da última aparição de Golias. Faltavam homens de coragem para enfrentar a crise.

Saul achava que já que Davi estava disposto a enfrentar o gigante, tinha que fazê-lo do seu jeito, por isso, colocou a sua armadura em Davi, mas em vez de ajudá-lo, isto se tornou um estorvo. Então, Davi disse: *“Não posso andar com isto, pois nunca o usei. E Davi tirou aquilo de sobre si”* (1 Sm 17.39).

Veremos a seguir algumas importantes lições que esse episódio nos ensina.

1. Seja autêntico, você é uma pessoa singular.

Não podemos enfrentar os gigantes usando armas alheias. Os gigantes não se assustam com o nosso aparato nem cedem pelo fato de estarmos bem equipados. A armadura de Saul não serviu para Davi. Eles eram pessoas diferentes. Saul era um homem de grande estatura, o mais alto de todo o reino. Sua armadura não servia para outras pessoas, muito menos para Davi. Vestir roupa de rei sem ser rei não ajuda a enfrentar os gigantes. Certamente, a armadura de Saul não podia ficar bem ajustada em Davi. Era uma bagagem extra, um peso inútil, um verdadeiro estorvo. Por isso, Davi disse: “Não posso andar com isto”, e tirou a armadura de sobre si.

Davi não podia nem andar, muito menos lutar com a armadura de Saul, que era absolutamente inadequada para ele. Por isso, logo se desvencilhou dela. Precisamos ter coragem de remover da nossa vida tudo aquilo que é peso morto e bagagem inútil. Se queremos vencer os gigantes não podemos usar uma armadura que não se ajusta a nós nem ostentar armas que não sabemos manusear com perícia.

A armadura de Saul seria apenas uma máscara para Davi. Saul queria que Davi se igualasse a ele, um homem medroso e covarde. Saul queria que Davi fosse mais um dos seus fracassados soldados. Não adianta tentar ser aquilo

que você não é. As máscaras podem nos dar uma sensação momentânea de segurança, mas elas não nos abrem caminho para a vitória. Elas podem nos esconder apenas por um breve tempo, mas não são seguras, e geralmente caem nas horas mais impróprias.

Davi não se preocupou em agradar ao rei usando uma armadura que sabia ser inútil. Vencedores de gigantes não “fazem média”, não fingem, não são hipócritas nem procuram agradar. Suas atitudes são coerentes. Integridade inegociável é a marca dos vencedores. Durante as crises, as pessoas esperam que você se torne igual a elas. Seja você mesmo. Seja autêntico. Você é uma pessoa única e singular. Você pode vencer os gigantes com sua própria habilidade e com as armas que Deus lhe confiou. Você pode vencer no mesmo campo juncado de perdedores. Tire a armadura de Saul e avance contra os gigantes com as armas que Deus colocou em suas mãos.

2. Tenha coragem de ser diferente, você não precisa ser igual aos outros.

Muitos líderes surgem no vácuo daqueles que fracassaram. Davi ousou ser diferente e fazer diferença. Ele trocou a armadura de Saul pela funda do pastor. Ele deixou o convencional para manejar uma arma inédita. Não use alguma coisa só porque todo o mundo está usando. Não se massifique nem se iguale à maioria medíocre. Você é uma pessoa especial, levantada por Deus para uma obra especial. Sua vocação é vencer. Os mesmos gigantes que apavoram os covardes e os fazem fugir de medo tombarão diante da sua coragem e beijarão o pó quando você empunhar as armas que Deus lhe confiou.

Os vencedores não são unanimidade. Eles são solitários, distinguem-se da maioria porque têm coragem de ser diferentes. Quando os soldados de Saul olharam para Golias eles fugiram, tomados de medo. Durante quarenta dias, de manhã e à tarde, Golias fez com que os soldados de Israel ensarilhassem as armas e fugissem. Davi viu o gigante pela primeira vez e dispôs-se a enfrentá-lo em nome do Senhor dos Exércitos. A coragem de Davi destacou-se em meio a um acampamento coberto de covardia. Os vencedores não olham para as circunstâncias com os olhos da maioria. Eles vêem as mesmas coisas, mas sob outra perspectiva. Aquilo que para os outros é ameaça, para os vencedores é oportunidade.

O uso de armadura era uma regra convencional nos duelos. Todos usavam armaduras nos duelos. Mas Davi tinha outros métodos e outras armas. Nem Saul, nem os soldados de Israel, nem mesmo o gigante Golias podiam avaliar a coragem e os recursos que Davi possuía. Ele avançou para a linha de frente da batalha sem a proteção de uma pesada armadura e sem empunhar uma espada afiada. A única coisa que ele levava nas mãos era uma funda. Dentro do seu alforje de pastor havia cinco pedrinhas, verdadeiros torpedos, mísseis rigorosamente endereçados para atingir a testa do gigante. Davi sabia manejar sua funda com perícia, por isso não a trocou pela espada. Ele teve ousadia suficiente para não seguir a orientação do rei nem se igualar aos seus tímidos soldados. Ele teve coragem de ser diferente.

Muitas pessoas fracassam porque vivem no palco da vida como atores, fingindo ser aquilo que não são. Desempenham um papel, fingindo ser diferentes do que são na vida real. Imitam os derrotados em vez de correr para a vitória. A Bíblia registra a história de Sansão. Sansão foi juiz em Israel. Ele era um jovem forte e um guerreiro imbatível. Mas a força de seus braços não era sustentada pela fortaleza do seu caráter. Seu nome significa “pequeno sol” e sua missão era brilhar num tempo de trevas. Mas Sansão fracassou porque não teve coragem de ser diferente. Ele foi capaz de vencer uma multidão, mas não se mostrou capaz de dominar suas próprias paixões. Com uma queixada de jumento foi capaz de matar mil filisteus, mas não foi capaz de livrar o seu coração dos pecados dos filisteus. Foi capaz de arrancar os portões de Gaza e levá-los sobre os ombros, mas não foi capaz de livrar-se dos pecados de Gaza. Por ser

nazireu, ele não podia tocar em cadáver, mas insensatamente foi buscar na caveira de um leão morto um favo de mel. Foi buscar prazer e doçura na podridão. Como nazireu, não podia beber vinho, mas na festa do seu malfadado casamento ofereceu um banquete que durou uma semana, imitando os jovens da época. Ele não teve coragem de ser diferente. A maior força de uma pessoa é ter a ousadia de dizer “não” quando todos dizem “sim”. A maior coragem de uma pessoa é não negociar os seus valores, convicções e princípios mesmo em meio a uma geração corrompida. Como nazireu, Sansão não podia cortar o cabelo, mas ao deitar no colo de uma víbora, não apenas seu cabelo foi cortado, mas também seus olhos foram vazados. De juiz a escravo. De pequeno sol à escuridão. De homem controlado por Deus a homem dominado pelo inimigo. Tudo porque ele não teve coragem de ser diferente, de ser autêntico. Estejamos alertas!

3. Especialize-se naquilo que você faz, destaque-se da maioria.

Toda pessoa que nunca matou um gigante vai lhe dizer que isso é impossível. Mas você não tem que ser igual a todo o mundo. Você é uma pessoa única, singular, especial. Você pode alcançar aquilo que ninguém ainda alcançou. Você pode conquistar vitórias inéditas. Há muitas descobertas a serem feitas, muitas vitórias ainda a serem alcançadas, muitos gigantes a serem derrotados.

Davi era um pastor de ovelhas e para defender o seu rebanho agarrou um leão pela barba e matou um urso. Ele ia às últimas conseqüências para fazer o seu trabalho com o selo da excelência. Destruidores de gigantes são construídos pelos sucessos do passado (1 Sm 17.34-37). John Maxwell afirmou que nós precisamos de vitórias não para celebrar, mas para nos elevar. Davi venceu um urso e um leão. Ele era um homem experimentado. Ele tinha experiência da proteção de Deus. Não vivia numa estufa, numa redoma de vidro. Ele conhecia a fidelidade de Deus nas lutas renhidas do cotidiano, e as experiências do passado garantiam a vitória no futuro. O Deus que agiu no passado continua agindo no presente. A imutabilidade de Deus é o penhor da nossa vitória e a causa de não sermos destruídos.

Não importa o que você faz, o que importa é o quanto você se dedica àquilo que faz. Torne-se um especialista na sua área de atividade. Os medíocres não se esforçam. Eles não são criativos. Eles vivem fugindo, dando desculpas e justificando seus fracassos. Eles são preguiçosos, eles não

se afatigam, não calejam as mãos nem investem na preparação, por isso não podem vencer os gigantes.

O mundo de hoje requer especialistas, pessoas peritas no que fazem. Quando alguém precisa de um médico, busca sempre o melhor. Quando precisa de um engenheiro, procura conhecer os projetos que já executou. Quando procura uma escola para os filhos, preocupa-se em conhecer sua filosofia de ensino e seu compromisso com a excelência. Quando busca uma igreja, procura saber se o pastor é um homem honrado, íntegro, que prega a Palavra com fidelidade.

O segredo do sucesso é não se conformar com a mediocridade. Davi buscava o padrão de excelência em tudo que realizava. Como músico, era um prodígio. Como compositor, um homem inspirado por Deus. Como pastor, um homem valente, disposto a dar a vida para salvar suas ovelhas. Como guerreiro, um soldado destemido capaz de enfrentar o insolente gigante.

Davi não era um aventureiro inconseqüente. Ele não tinha apenas coragem, mas também preparo. Com uma funda e cinco pedrinhas ele foi mais eficiente que todo o exército de Saul, aparelhado com armaduras e espadas. Ele correu para a linha de frente não porque tinha a síndrome de mártir, mas porque tinha a marca de um vencedor. Apanhou cinco

pedrinhas e venceu com a primeira, porque estava determinado a vencer. Caso a primeira pedra falhasse, ele não pretendia recuar. A perseverança na luta é o distintivo dos campeões.

Precisamos nos especializar naquilo que fazemos. Henry Ford foi o pioneiro na fabricação de carros em série no mundo. Charles Steinmetz era anão e possuía sérias deficiências físicas, mas era um engenheiro brilhante, considerado uma das maiores inteligências do mundo na área da eletricidade. Foi ele quem fabricou os primeiros geradores para a fábrica da *Ford*, em Dearborn, Michigan. Um dia, os geradores queimaram, e toda a fábrica parou de funcionar. Mandaram chamar vários técnicos e eletricitas para consertá-los o mais rápido possível, pois a empresa estava perdendo muito dinheiro. Mas nenhum deles pôde consertá-los. Então, Henry Ford mandou chamar Charles Steinmetz. O gênio chegou à fábrica, passou algumas horas mexendo nos motores, depois ligou a chave geral, e a fábrica inteira voltou a funcionar. Alguns dias mais tarde, Henry Ford recebeu a conta pelos serviços prestados por Steinmetz. O valor? Dez mil dólares! Embora Ford fosse muito rico, devolveu a conta com um bilhete: “Charles, essa conta não está muito alta para um serviço de poucas horas, em que você apenas deu uma mexida nos motores?”. Steinmetz devolveu a conta para Ford, desta vez discriminando os valores: “Quantia a ser paga por mexer nos motores: dez dólares. Quantia a ser paga por saber o lugar certo onde mexer: nove mil e novecentos e noventa dólares. Total pelos serviços prestados: dez mil dólares”. Ford pagou a conta.

Você é um especialista naquilo que faz? Hoje você é melhor do que foi ontem? Você está florescendo onde foi plantado? Você é um vencedor de gigantes?

Capítulo 6 - Vencedores de gigantes são determinados a vencer

Sucedeu que, dispondo-se o filisteu a encontrar-se com Davi, este se apressou e, deixando as suas fileiras, correu de encontro ao filisteu (1 Sm 17.48).

Antes de vencer o gigante à sua frente, Davi precisou triunfar sobre os opositores ao seu redor. Há assassinos de sonhos que nos espreitam e tentam nos afastar da vitória. Há aqueles que nos desprezam e também nos subestimam. Não permita que esses assassinos de sonhos afastem você do caminho do sucesso.

Antes de derrubar o gigante Golias, Davi precisou vencer outros obstáculos. Antes de você subir ao pódio, precisa conquistar batalhas menores. Davi não se sentiu humilhado por ter ficado no campo cuidando das ovelhas em vez de ser convocado para a guerra. Ele não se sentiu humilhado quando seu pai o enviou, como uma espécie de *office boy*, para levar comida a seus irmãos no campo de batalha. Ele não se entregou à vaidade, mesmo sabendo que o plano de Deus era colocá-lo no trono, em lugar de Saul. Os vencedores nunca começam como destruidores de gigantes. Por Davi ter cumprido com fidelidade as tarefas menores, ele agora estava no centro do palco, sob as luzes da ribalta, travando uma decisiva batalha, que iria consagrá-lo como o maior herói nacional.

O primeiro passo para resolver qualquer problema é começar. Davi não andou para a linha de batalha, ele correu. Estava ansioso para ganhar, para vencer. Ele era um homem determinado a vencer, e venceu. Esse episódio nos ensina algumas importantes lições:

1. Em vez de correr do inimigo, avance contra ele.

Davi não esperou que Golias o atacasse. Ele não era homem de retaguarda, mas de vanguarda. Ele não se intimidou com as insolências e bravatas do gigante. Não ficou na retranca, acuado. Ele tomou a iniciativa, correu, avançou e deu o primeiro passo para a vitória consagradora. O mesmo Davi que já havia vencido o desânimo da multidão, as críticas invejosas de Eliabe, o preconceito de Saul, agora vencia o escárnio de Golias.

A vida é um campo de batalha. A nossa luta não é contra carne e sangue. O diabo e suas hostes infernais são os nossos arquiinimigos. Não somos chamados para contar os inimigos nem para temê-los. Jesus disse que as portas do inferno não prevalecerão contra a igreja. Não é o inferno que avança contra a igreja para acuá-la, mas a igreja que avança contra o inferno para desbaratá-lo. Não corremos do inimigo, avançamos contra ele. O nosso inimigo já foi despojado na cruz. Jesus já lhe tirou a armadura. Suas insolentes maldições não podem mais nos intimidar. Maior é aquele que está em nós. Deus não nos ordena a temer o inimigo, mas a resistir e vencer. A igreja é um exército com bandeiras, um povo vencedor e vitorioso. Devemos seguir as pegadas daquele que saiu para vencer e venceu!

2. Em vez de se intimidar com as ameaças e bravatas do inimigo, vença-o.

Golias subestimou e desprezou Davi, fazendo pouco caso dele. O gigante o amaldiçoou, invocando contra ele a maldição dos seus deuses iracundos. Ameaçou-o, prometendo dar a sua carne às aves do céu (1 Sm 17. 41-44). Mas Davi não deu ouvidos à insolência do inimigo. Ele sabia quem era Golias e quem estava com ele. Toda a maldição que Golias lançou contra Davi caiu sobre a sua própria cabeça. Em vez dos deuses filisteus tripudiarem contra Davi, foi o Deus de Davi, o Senhor dos Exércitos, que se tornou conhecido em toda a terra (1 Sm 17.45,46) por causa da retumbante vitória do pastor de Belém. Davi sabia que sua vitória não era apenas uma questão de esforço humano, mas sobretudo, fruto da intervenção divina (1 Sm 17.47).

Há muitas pessoas que vivem assustadas com medo das ameaças dos espíritos malignos. Vivem no tronco do adversário, prisioneiras do medo. São chantageadas e não conseguem se libertar do regime de terror. Os espíritos das trevas ameaçam com vingança aqueles que tentam escapar de suas mãos asquerosas. Mas a fúria e a maldição do inimigo não podem alcançar aqueles que estão nas mãos de Deus, sob as asas do Onipotente. A esses, o maligno não toca. O diabo ruge como leão, mas ele não é leão. O verdadeiro leão, o Leão da tribo de Judá, o vencedor invicto de todas as pelejas, é o Senhor Jesus, aquele que esmagou a cabeça da serpente, triunfou sobre a morte e nos garantiu a vitória. Quem anda com Jesus é mais que vencedor.

3. Em vez de temer a derrota, não se contente com nada menos que a vitória.

Davi não fez nenhuma provisão ou previsão para a derrota. Seu lema era vencer ou vencer. Na sua agenda não havia espaço para o fracasso. Derrota era uma palavra que não constava de seu dicionário.

Por essa razão, ele colocou cinco pedras em seu alforje de pastor. Se a primeira pedra falhasse, ele ainda teria mais arsenal e mais munição. A luta poderia ser longa, mas a vitória era certa. Deus não nos promete ausência de lutas, mas nos garante a vitória; a caminhada não é fácil, mas a chegada é segura. Vencedores de gigantes não desistem diante da primeira dificuldade. Eles não se contentam com nada menos do que a vitória.

Vencedores de gigantes transformam dificuldades em pontes para vitórias mais consagradas. O maior presidente americano de todos os tempos, Abraham Lincoln, nasceu no Estado de Kentucky, em 12 de fevereiro de 1809. Filho de lavradores, desde cedo teve de trabalhar arduamente na lavoura. Perdeu a mãe muito cedo. A duras penas conseguiu estudar e obter seu diploma em Direito. Desejoso de progredir, o jovem Lincoln pedia livros emprestados a amigos e vizinhos para ler depois das suas atividades diárias. Estudava até ficar exausto, varando as noites debruçado sobre os livros. Entrou na política, tornando-se um dos homens de maior destaque da história dos Estados Unidos. Foi eleito o décimo sexto presidente da nação e seu nome tornou-se famoso no mundo inteiro, dando nome a ruas, avenidas, bancos, universidades e

automóveis. Foi um dos grandes paladinos na luta pela abolição da escravidão nos Estados Unidos. Enfrentou com galhardia o dramático período da guerra civil americana. Lincoln foi um homem temente a Deus, talhado para grandes embates, obcecado pela vitória. Ele foi um vencedor de gigantes.

Suas vitórias não foram fáceis. Sua marca foi a perseverança. Ele transformou suas derrotas temporárias em degraus para alcançar vitórias mais consagradas. Aos vinte e dois anos enfrentou um fracasso nos negócios. Aos vinte e três anos foi derrotado ao pleitear um cargo legislativo. Aos vinte e quatro anos, fracassou novamente nos negócios. Aos vinte e cinco anos conseguiu se eleger para um cargo legislativo. Aos vinte e sete anos sofreu um colapso nervoso. Aos vinte e nove anos foi derrotado ao se candidatar à presidência da Câmara. Aos trinta e um anos foi derrotado no Colégio Eleitoral. Aos trinta e nove anos foi derrotado na sua candidatura ao Congresso. Aos quarenta e seis anos foi derrotado para o Senado. Aos quarenta e sete anos foi derrotado na sua candidatura à vice-presidência. Aos quarenta e nove anos foi derrotado novamente na sua candidatura ao Senado. Até que aos cinquenta e um anos foi eleito presidente dos Estados Unidos. Sem desmerecer os demais, Lincoln foi considerado o maior presidente que os Estados Unidos já tiveram, aquele que preservou a unidade da nação e foi seu grande líder durante a sangrenta Guerra de Secessão. Faça como Lincoln: não deixe que as derrotas do presente lhe roubem a esperança de obter vitórias no futuro. Você não foi criado para ser um fracasso. Sua vocação é a vitória. Seja um vencedor de gigantes!

4. Em vez de temer a ameaça, transforme-a no instrumento de sua mais consagrada vitória.

A espada de Golias era uma arma poderosíssima e assaz temida. Quem ousaria enfrentar aquele gigante cara a cara? Quem ousaria medir forças com aquele brutamontes? Mas Davi não só derrubou o arrogante gigante com uma pedrada, mas decepou a sua cabeça com a sua própria espada. A espada de Golias tornou-se o instrumento de sua própria ruína. Davi usou algo que o ameaçava para livrar-se de vez do ameaçador. Ele transformou o perigo que o ameaçava no golpe fatal para o próprio adversário.

Precisamos olhar para os problemas sob nova perspectiva. Temos que olhar para a vida pela ótica de Deus. Precisamos transformar vales em mananciais, desertos em pomares, o décimo vale da destruição em portas da esperança, a espada do gigante em símbolo da nossa retumbante vitória.

Og Mandino, um conhecido escritor, enfrentou uma grave crise pessoal aos trinta e cinco anos de idade: seus negócios faliram e sua esposa o abandonou. Começou a beber e tornou-se um alcoólatra, passando a viver nas sarjetas. Chegou a ponto de pensar em suicídio. Dez anos depois, no entanto, estava no auge da fama como escritor, com livros traduzidos e lidos no mundo inteiro. Ele sacudiu a poeira. Levantou-se das cinzas. Despojou-se do opróbrio, olhou para a frente, aprendeu com os fracassos do passado e fez deles a estrada para o sucesso. Seus livros buscam encorajar pessoas desalentadas a olhar para a vida com otimismo. Muitas pessoas têm encontrado ânimo nos seus escritos. Outros têm se desvencilhado das peias do passado para construir novos sonhos no futuro. Vencedores de gigantes não moram no passado, não vivem de reminiscências, não ficam presos no cipoal das memórias amargas. Eles olham para o futuro com esperança, não capitulam diante das crises, e transformam tragédias em triunfo.

Em sua autobiografia, Og Mandino oferece um conselho prático para as pessoas que desejam viver com otimismo. Comece o dia lendo o jornal da sua cidade, diz ele. Mas evite iniciar a leitura pelas páginas políticas, pois isso poderia deprimi-lo. Evite começar também pelas notícias econômicas, pois poderia deixá-lo desanimado. Também não é aconselhável iniciar pela leitura das páginas policiais, pois você poderia ficar com medo de sair de casa. Não é prudente começar o dia lendo as notícias esportivas, pois seu time pode ter sofrido uma goleada no último jogo.

Assim, se você pretende começar o dia com entusiasmo, você deve iniciar a leitura pela página do obituário, que traz a lista das pessoas que morreram. É isso mesmo. Leia a lista toda, sem pular um nome sequer. Ao final da leitura, você vai descobrir algo fantástico: seu nome não consta da lista. As pessoas que estão nessa lista dariam tudo para estar no seu lugar, mas elas estão mortas, e você está vivo! E por estar vivo, hoje pode acontecer um milagre na sua vida. Não abra mão da vitória, você é um vencedor de gigantes!

Capítulo 7 - Vencedores de gigantes dedicam suas vitórias a Deus

Disse mais Davi: O Senhor me livrou das garras do leão e das do urso; ele me livrará das mãos deste filisteu [...] Davi, porém, disse ao filisteu: Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado. Hoje mesmo, o Senhor te entregará na minha mão; ferir-te-ei, tirar-te-ei a cabeça e os cadáveres do arraial dos filisteus darei hoje mesmo às aves dos céus e às bestas-feras da terra; e toda a terra saberá que há Deus em Israel. Saberá toda esta multidão que o Senhor salva, não com espada, nem com lança, porque do Senhor é a guerra, e ele vos entregará nas nossas mãos (1 Sm 17.37,45-47).

Vencedores de gigantes não são soberbos. A soberba é o portal da ruína, é a ante-sala do fracasso. Nenhum homem é verdadeiramente grande se não for humilde. Os nobres não se exaltam. Os vencedores depositam suas coroas diante daquele que está assentado no trono. A arrogância é a sepultura dos derrotados; a humildade, o pódio dos vencedores.

Davi nos ensina algumas lições preciosas:

1. O Deus que fez maravilhas ontem, pode intervir milagrosamente na nossa vida hoje.

Saul não acreditou no sucesso de Davi por julgá-lo muito jovem e inexperiente para tão grande desafio. Contudo, diante da incredulidade de Saul, Davi disse: *“O Senhor me livrou das garras do leão e das do urso; ele me livrará das mãos deste filisteu”* (1 Sm 17.37). O Deus que agiu no passado é o mesmo que age hoje. Deus não é uma relíquia, um objeto sagrado encostado numa prateleira de museu.

Ele não é apenas o Deus dos antigos. Ele está vivo. Ele é imutável. Ele nunca abdicou do seu poder. Seu braço não se encolheu. Ele opera maravilhas ainda hoje.

Não podemos concordar com aqueles que tentam limitar o poder de Deus, dizendo que o tempo dos milagres cessou. Deus se recusa a ser trancado dentro dos estreitos conceitos teológicos de homens de mentes fechadas. Ele livrou ontem e livra hoje, salvou ontem e salva hoje. Ele curou os enfermos ontem e cura hoje, libertou os oprimidos ontem e liberta hoje. Foi nesta verdade que Davi se agarrou para enfrentar o gigante. Davi não era louco para desafiar Golias estribado em sua própria força. Ele sabia que a vitória vem de Deus, do Deus que nunca muda.

Não glorificam a Deus aqueles que, embora crendo na veracidade dos milagres passados, se recusam a crer na poderosa intervenção de Deus hoje. Quando Jesus chegou em Betânia, depois que Lázaro já estava sepultado havia quatro dias, Marta expressou toda a sua tristeza e decepção, dizendo: *“Senhor, se estiveras aqui, não teria morrido o meu irmão. Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá”* (Jo 11.21,22). Então Jesus lhe declarou: *“Teu irmão há de ressurgir”* (Jo 11.23). Ela prontamente retrucou: *“Eu sei que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia”* (Jo 11.24). Mais tarde, quando Jesus mandou tirar a pedra do túmulo de Lázaro, Marta mais uma vez interferiu dizendo: *“Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias”* (Jo 11.39). Então, Jesus lhe respondeu: *“Não te disse eu que, se creres, verás*

a glória de Deus?” (Jo 11.40). Marta acreditava que Jesus poderia ter impedido a morte de seu irmão. Acreditava que Jesus iria ressuscitá-lo no último dia, mas não conseguia enxergar que Jesus poderia levantá-lo da morte naquele momento. Ela acreditava no Deus que agiu no passado e no Deus que agirá amanhã, mas tinha dificuldade para crer no Deus que age no presente.

2. A vitória é dádiva de Deus, não mérito do homem.

Davi entrou na peleja sabendo que Deus é quem iria conduzi-lo em triunfo. A vitória vem de Deus. É Ele quem adentra as nossas mãos para a batalha. Não vencemos por causa das armas nem por causa das nossas estratégias, mas por causa da intervenção divina. Davi disse para Golias: *“Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão”* (1 Sm 17.46). A vitória sobre Golias não resultou da luta, mas da ação de Deus. É Ele que nos dá a vitória. Podemos nos sentir como aquele camundongo que atravessou uma velha ponte nas costas do elefante. No meio do trajeto, a

ponte começou a balançar e o perigo de um acidente trágico parecia ser iminente. O desastre seria fatal. A morte, uma consequência inevitável. Mas, enfim, conseguiram alcançar o outro lado, salvos e seguros. O camundongo olhou para o elefante e disse: “Rapaz, como nós chacoalhamos aquela ponte, hein!” Quando andamos com Deus nos sentimos como um camundongo, mas com a força de um elefante; e depois de atravessarmos as águas turbulentas da vida, depois de cruzarmos os abismos perigosos da jornada, podemos dizer: “Deus, nós chacoalhamos aquela ponte, hein!”

Saul teve medo porque olhou para as circunstâncias, Davi triunfou porque olhou para Deus. Quem olha para os gigantes é dominado pelo pânico, mas quem olha para Deus e sabe que a vitória vem dele, enfrenta os gigantes e vence. Davi não lutou confiado em sua experiência nem em suas armas. Ele avançou contra o gigante em nome do Senhor dos Exércitos. Ele enfrentou o gigante não porque queria notoriedade, mas porque tinha zelo pelo nome de Deus.

3. Nossas vitórias devem encorajar outros a se tornarem vencedores.

Quando os soldados de Israel viram a coragem e a vitória de Davi, animaram-se e puseram-se a lutar com galhardia (1 Sm 17.52,53). Bastou que eles vissem um líder em posição de combate e disposto a vencer, para que fossem tomados por um novo ânimo. Precisamos de modelos. Precisamos de referências. Precisamos de homens que sirvam de inspiração para que outros saiam do comodismo. Precisamos de pessoas que mexam com os nossos brios e nos desafiem a sair do marasmo. O verdadeiro líder é aquele que desperta os outros a segui-lo. Não há líderes solitários. Os líderes começam sozinhos, mas nunca terminam sozinhos. Atrás deles há um exército que se levanta da mediocridade e empunha as armas da vitória. O líder é aquele que move e comove. Desperta pela palavra e pelo exemplo.

O líder é aquele que, através do seu heroísmo, tira os covardes da caverna do medo. Em vez de capitular frente ao desânimo da maioria, o líder desperta essa maioria para seguir as suas pegadas. Davi enfrentou problema semelhante em uma outra ocasião. Sua família, seus bens e as famílias de seus seiscentos homens foram saqueados na cidade de Ziclague (1 Sm 30.1-20). A cidade foi destruída e queimada. Os amalequitas deixaram um rastro de

destruição atrás deles. Quando Davi e seus homens chegaram à cidade e a viram devastada e espoliada, com suas famílias e seus bens nas mãos do inimigo, eles *“choraram até não terem mais forças para chorar”* (1 Sm 30.1-4). Nesse momento de crise, os homens de Davi voltaram-se contra ele, culpando-o pela tragédia, e pegaram em pedras para matá-lo. Davi estava só e sob oposição cerrada dos seu aliados. Ele já tinha sido atacado pelos inimigos de fora, e agora estava sendo atacado pelos de dentro de sua própria casa . No auge da angústia, Davi se voltou para Deus, reanimando-se no Senhor seu Deus, e pedindo a Ele que lhe desse discernimento e direção. Depois de orar, ele não apenas estava curado do seu desespero, mas tinha também o apoio dos seus homens e a promessa de vitória do próprio Deus. Davi lutou e venceu. Tomou de volta tudo o que o inimigo lhe roubara. Esse é o perfil de verdadeiro líder, aquele que é capaz de influenciar positivamente as pessoas que estão à sua volta.

Durante os jogos pára-olímpicos disputados entre crianças e adolescentes em Seattle, nos Estados Unidos, aconteceu um fato extraordinário. O estádio estava lotado. A multidão esperava pelo início da corrida que seria disputada por crianças excepcionais. Assim que foi dada a partida, uma menina de doze anos destacou-se do grupo e assumiu a liderança da corrida. O estádio inteiro a aplaudia, enquanto ela avançava, seguida bem de perto por outra corredora. De repente, ela percebeu que sua concorrente tropeçou e caiu. Para surpresa da multidão, ela parou de correr e foi ajudar a rival a se levantar. A multidão gritava: “Não pare. Não pare. Prossiga. Corra!” Mas ela tapou os ouvidos ao grito ensurdecador da multidão. Enquanto ajudava a outra a se levantar os outros corredores se aproximaram, e então, todos se deram as mãos, cruzando juntos a linha de

chegada. Nossas vitórias adquirem mais sabor e significado quando podemos levar conosco outras pessoas. Davi não venceu sozinho. Ele encorajou os soldados de Saul a serem co-participantes do seu triunfo. Você encoraja ou desestimula as pessoas à sua volta?

4. As honras pela vitória devem ser prestadas a Deus e não aos homens.

Davi creu que a vitória veio de Deus. Foi Deus quem entregou Golias nas mãos dele (1 Sm 17.46). Por isso é o nome de Deus e não o de Davi que deve ser honrado. “*Toda a terra saberá que há Deus em Israel*”, disse Davi (1 Sm 17.46). A vitória dos filhos de Deus torna o nome de Deus conhecido entre os povos. A vitória dos filhos de Deus é um testemunho entre as nações.

Mas a vitória dos filhos de Deus também produz impacto entre aqueles que têm medo de lutar, bem como na vida daqueles que nos menosprezam. Disse Davi: *“Saberá toda esta multidão que o Senhor salva, não com espada, nem com lança; porque do Senhor é a guerra, e ele vos entregará nas nossas mãos”*. Precisamos de vitórias para que o nome de Deus seja conhecido e também para que outros sejam encorajados. Precisamos de vitórias para fazer o nome de Deus notório aos nossos adversários, de sorte que as nações tremam na presença do Senhor (Is 64.2).

Não podemos nos alimentar apenas dos gloriosos feitos do passado nem nos reunir só para relembrarmos os portentosos feitos de ontem. A igreja precisa de vitórias hoje. Os soldados de Cristo precisam se colocar de pé hoje. Eles precisam de testemunhos vivos da ação de Deus hoje.

Davi reconheceu que a vitória veio de Deus e a glória devia ser tributada a Ele. Deus não reparte sua glória com ninguém. O único nome digno de ser proclamado, conhecido e temido em toda a terra é o nome do Senhor. O vaso é de barro, o instrumento é frágil, por isso a glória é de Deus. Mais tarde, quando as mulheres de Israel começaram a exaltar o nome de Davi, isso trouxe problemas para ele e para o reino, despertando inveja em Saul e provocando a mais insana perseguição contra Davi. Cometemos um grande equívoco ao promover o nome dos homens. Precisamos depositar nossas coroas, nossas vitórias, nossas conquistas aos pés do Senhor. Todo joelho deve dobrar-se

diante dele. Só o seu nome é excelso, digno de toda honra, glória e louvor. O gigante caiu não por causa de Davi, mas por causa de Deus. Davi foi apenas o instrumento. E ele sabia disso.

O mais importante não é colecionar vitórias, mas ter intimidade com o Deus que nos dá a vitória. O mais importante não é erguer o troféu, mas depositar nossas coroas aos pés do Rei dos reis. O mais importante não é ser conhecido na terra, mas amado no céu, não é possuir as glórias deste mundo, mas possuir o Filho, o herdeiro de todas as coisas. Conta-se que um homem muito rico empregou toda a sua fortuna em quadros famosos. Esse homem tinha um único filho, que foi ferido mortalmente num combate. Um amigo mais achegado, tentando consolar o pai enlutado, pintou num quadro o rosto de seu filho amado. O pai ao receber o quadro, colocou-o em uma linda moldura. Anos depois, quando já estava prestes a morrer, aquele homem fez um testamento, deixando ordens para que seus quadros fossem leiloados e o dinheiro destinado às obras de caridade.

Assim foi feito, e todos aqueles quadros famosos foram expostos para serem vendidos em leilão. Mas para surpresa das pessoas presentes ao leilão, o primeiro quadro a ser anunciado foi aquele que retratava o filho. Não havia beleza naquele quadro. Nada que pudesse atrair o gosto de pessoas tão refinadas. Ninguém demonstrou interesse pelo quadro, e com muito custo, alguém o arrematou por mísera quantia. Para espanto geral, assim que o quadro foi vendido,

o leiloeiro oficial anunciou o encerramento do leilão, explicando: “O meu senhor deixou estipulado no testamento que aquele que adquirisse o quadro do filho, teria todos os outros quadros”. Quem tem o Filho tem tudo. A Bíblia diz que aquele que tem o Filho tem a vida. Deus é melhor do que suas próprias dávidas. Ele é mais excelente do que as mais excelentes vitórias que colecionamos na vida. Deus é a causa, o agente e a finalidade da nossa vitória. Dele, por meio dele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória eternamente. Amém.

Conclusão

A batalha contra os gigantes é uma peleja contínua. Quando um cai, outros se levantam. Não podemos ensarilhar as armas nem ficar desatentos. A vida cristã não é uma colônia de férias, mas um campo de batalha. Você é um soldado e foi alistado no exército de Deus. Você já recebeu as armas de defesa e combate. O poder para a vitória vem de Deus. O segredo da vitória é andar na dependência de Deus.

É bem verdade que os inimigos são muitos, e empregam vários métodos e estratégias. Eles são perseverantes. Precisamos estar atentos. Dormir na peleja pode ser um erro fatal. Deixar de vigiar pode acarretar grandes baixas. Depois de grandes vitórias, precisamos continuar firmes, pois outros ataques virão. Essa guerra continuará até que Jesus coloque todos os inimigos debaixo dos seus pés.

Mas você não precisa temer. O problema maior não é a presença do inimigo, mas a ausência de Jesus. Com Jesus ao seu lado você é mais do que vencedor. Se Deus está com você, ninguém poderá lhe resistir. Sua vocação é a vitória. Você foi marcado para vencer. Você está alistado nas fileiras daquele que já venceu, continua vencendo e consumará sua vitória final e retumbante quando o sistema do mundo, o anticristo, o falso profeta, o diabo, a morte e todos os ímpios forem lançados no lago de fogo.

As circunstâncias podem dar a impressão que o inimigo está prevalecendo. O diabo está fazendo grandes estragos nas famílias, nas instituições, nas nações. O mundo está gemendo de dores. A terra está em agonia aguardando a sua redenção. Filosofias ateístas, que negam a Deus e zombam da sua Palavra são trombeteadas nas cátedras eletrônicas, proclamadas nos centros universitários e despejadas nas mentes das crianças desde o início da vida estudantil. A corrupção dos valores, a delinquência galopante, a paganização da cultura, a desmoralização da família se agigantam e sentimo-nos como que esmagados debaixo das botas desses gigantes. Mas, nesses tempos de trevas, precisamos levantar os olhos e contemplar nosso Deus assentado sobre um alto e sublime trono. A história não caminha para um fim trágico. Jesus está assentado na sala de comando do universo. Ele é digno para conduzir a história à consumação final. A vitória é certa e segura. Caminhamos para a coroação. Por enquanto o inimigo revela a sua insolência, mas sua derrota final já está lavrada. Levante a cabeça, entre em campo, lute e vença.

No dia primeiro de janeiro de 1919, o time de futebol da Universidade da Califórnia disputava o final do campeonato com o time da Universidade da Geórgia. O estádio estava lotado. Uma multidão aguardava ansiosa para ver o grande ídolo Roy Rigels entrar em campo para dar a vitória ao seu time. Ele era a esperança de vitória. Mas no primeiro tempo, ele frustrou a multidão com um péssimo desempenho e até mesmo com um gol contra. Saiu de campo vaiado, envergonhado e com o estigma do fracasso. No vestiário não conseguiu esconder suas lágrimas nem sua desesperança. Parecia que o mundo havia desabado sobre sua cabeça. A derrota parecia certa e inevitável.

Nesse momento, o técnico se aproximou, passou a mão em sua cabeça e lhe disse: “Coragem, o jogo ainda não acabou. Você ainda tem o segundo tempo. Volte ao campo, lute e vença”. Roy Rigels levantou a cabeça, voltou ao campo, e jogou como nunca antes havia jogado em toda sua vida. Ele conseguiu virar o placar e conquistou uma retumbante vitória, deixando o campo sob os aplausos da delirante multidão.

Caro leitor, o jogo ainda não acabou. A luta continua, mas a vitória é certa. Você pode ser um vencedor de gigantes!

Sua opinião é importante
para nós, por gentileza envie
seus comentários pelo e-mail
editorial@hagnos.com.br



Visite nosso site: www.hagnos.com.br

Esta obra foi impressa na
impressão da Fê.
São Paulo, Brasil
verão de 2011